



CULTURA NO ANTROPOCENO

2024 - Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre - RS

APRESENTAÇÃO

Em 2024, a sensação de estarmos vivendo a crise climática tornou-se mais evidente. Em função da maior enchente da história de Porto Alegre, e do Rio Grande do Sul, e da fumaça tóxica das queimadas que tomou conta do ar do país, sentimos nossa rotina e nosso próprio corpo sendo atravessados por algumas das consequências do aumento da temperatura da Terra. E tais consequências, é importante destacar, não são necessariamente iguais para todos: gênero, raça, classe são alguns dos fatores que impactam as formas como cada indivíduo é mais ou menos atingido. Mais do que nunca, assim, é preciso encontrar palavras, imagens, pensamentos e movimentações que nos ajudem a assimilar o que estamos vivendo e agir.

Foi a partir de algumas dessas reflexões e desse contexto que nasceu o projeto Cultura no Antropoceno, idealizado pela Casa de Cultura Mario Quintana, instituição da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, e uma das tantas atingidas pelas enchentes de maio do ano passado. “Antropoceno” é o conceito que tem sido usado por alguns cientistas para descrever o momento atual da história geológica do planeta Terra, que significa, justamente, o momento em que o ser humano e seus feitos são

entendidos como força geológica capaz de provocar alterações no clima, desafiando nossas maneiras de viver até então. Parte do problema é como a própria humanidade se colocou no centro, a ponto de ignorar outras espécies e modos de vida que não os estipulados pelos padrões europeus, brancos e patriarcais. Cultura no Antropoceno consistiu numa série de encontros e ações realizados entre outubro e dezembro de 2024 dedicados a pensar temas caros à crise que estamos vivendo e que, portanto, se mantêm mais vivos e necessários do que nunca. Entendendo a linguagem artística como fundamental para extrapolarmos a dimensão racional e alcançarmos a dimensão sensível das coisas, foram oferecidos espaços de diálogo compostos por artistas e pesquisadores de diferentes áreas, tais como literatura, arquitetura e urbanismo, artes visuais, geologia, biologia. Neste documento, estão reunidos os resumos das reflexões, especulações e proposições dos intelectuais que formaram essa programação e que são aliados na construção de caminhos alternativos para a nossa existência.

O ciclo de eventos teve como abertura oficial a conferência Antropocenos do Sul: Crises e criações para um novo regime climático, do professor e pesquisador André Araújo. O projeto ainda contou com a conferência Cosmópolis: Metamétodo, da pesquisadora Rita Velloso e, em seu encerramento, O tekoá e o bem-viver: um caminho para a sustentabilidade no antropoceno, proferida por Kaká Werá Jecupé, escritor e intelectual indígena.

Além das conferências, três mesas-redondas proporcionaram espaços para debate de assuntos como a produção artística em relação com a Terra, as emergências climáticas e os discursos produzidos em relação a elas, além de possibilidades de futuro a partir do momento que vivemos. A programação também se desdobrou em cinco conversas entre artistas e pesquisadores, intituladas Contaminações. Elas buscaram instigar o público a perceber a confusão de fronteiras entre humano e animal, organismos e máquinas, e o físico e o não físico, bem como observar se o ser humano está realmente separado de seus objetos de desejo, do lixo que produz, da linguagem e dos espaços que habita.

Durante o Cultura no Antropoceno foram, ainda, retomadas as sessões do projeto Curta no Jardim, com exibições de vídeos ao ar livre no 5º andar da CCMQ, no Jardim Lutzenberger – cujo nome homenageia o grande ambientalista gaúcho. O coletivo Tela Indígena foi convidado a propor uma curadoria de filmes para exibição. As responsáveis pela seleção de nove curtas-metragens, organizados em três sessões, foram Ana Letícia Meira Schweig e Geórgia Macedo. Além da parceria com o Tela Indígena, o projeto ainda se associou a dois outros grandes eventos, o V Cinema Negro em Ação e o 9º Festival Kino Beat. Junto ao primeiro foi realizada

uma performance da artista Fayola Ferreira e, ao segundo, uma oficina intitulada Sentir e pensar as ruínas: modos de ativação, conduzida pelo Grupo de Pesquisa em Ecologia das Práticas, parte da instituição independente APPH (Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades).

Ao longo de outubro, novembro e dezembro, o Cultura no Antropoceno também propôs quatro ações nas redes sociais da CCMQ. A primeira delas foi realizada pelo professor e pesquisador Fernando Silva e Silva, que elencou quatro palavras-conceitos – Antropoceno; Mudanças Climáticas; Cultura e Natureza; Ler e Contar Histórias – fundamentais para introduzir ao público questões que seriam discutidas ao longo do ciclo de eventos.

Em outubro, o coletivo Dilúvio Vivo apresentou um vídeo inédito composto por registros sensíveis de pássaros e outros animais habitantes do Arroio Dilúvio, na Avenida Ipiranga, em Porto Alegre, salientando a quantidade de vida que existe em um local considerado apenas insalubre por muita gente. No mês seguinte, o quadrinista Pablito Aguiar, que em sua produção escuta histórias reais e transforma em quadrinhos, desenvolveu uma narrativa, a partir de um poema de Mario Quintana, sobre a Casa de Cultura no período em que esteve submersa pelas águas da enchente. Por fim, em dezembro, a arquiteta e ilustradora Ana Luiza Koehler desenvolveu imagens da Casa

de Cultura em diferentes tempos – passado, presente e um futuro especulativo. Em conversa com Rosani Kamury Kaingang no desdobramento da sua fala que fechou esse ciclo de encontros, Kaká Werá Jecupé pontuou como precisamos de um processo de reeducação. Isso porque, conforme colocado por ele, o paradigma destrutivo que caracteriza o Antropoceno foi gerado por narrativas validadas pelo sistema educacional. Jecupé chamou atenção para como essa série de encontros por nós organizada faz parte desses lugares de reeducação no qual muitas pessoas puderam escutar as mais diversas vozes, interagir umas com as outras e encontrar seu próprio lugar dentro dessas histórias, a ponto de conseguir rever uma série de distorções apreendidas dentro de um processo de colonização implementado ao longo de gerações.

Fazendo eco à colocação de Jecupé, a antropóloga Elizabeth A. Povinelli defende que "um novo letramento interdisciplinar é a nossa única esperança para encontrar um modo de concatenar nosso arranjo atual de vida com a continuidade da vida humana e planetária enquanto tal." De nossa parte, foi não somente satisfatório, como reconfortante, em tempos como os que vivemos, organizar um evento que ofereceu, também para nós, a oportunidade de aprender e trocar com cada participante. Torcemos para que desses encontros surjam muitas outras alianças possíveis.

Organizadores:

Ana Cristina Steffen, Germana Konrath

Paulo Reyes e Taís Cardoso.

MEMÓRIA DAS ÁGUAS

Como extensão e continuidade do Cultura no Antropoceno, em fevereiro de 2025 foi inaugurada uma linha em alumínio cruzando parte da Travessa Rua dos Cataventos, que conecta as duas alas da Casa de Cultura e essa com a cidade. A intervenção arquitetônica apresenta um desenho orgânico que remete à margem até onde aproximadamente se estendia o Guaíba antes dos sucessivos aterros implementados em Porto Alegre desde o século XIX. Memória das águas, como foi chamada essa linha, inserida no piso de pedras portuguesas, procura lembrar que, antes das águas terem invadido a cidade na enchente de maio de 2024, foi a cidade quem tomou o território do Guaíba, em inúmeros processos de urbanização considerados parte de um progresso civilizatório.

Seguir nomeando o fenômeno de retomada do Guaíba ao seu leito e espaço original como “invasão das águas”, colocando-nos no papel de vítimas da natureza, é um ponto a ser discutido e repensado nesse grande processo de reeducação de que nos fala Kaká Werá Jecupé. A linha é propositalmente singela, como uma nota de rodapé, justamente por entender que não são salutareos novos processos construtivos megalomaniacos, ao contrário do que temos acompanhado acontecer em nossa cidade e mundo afora.

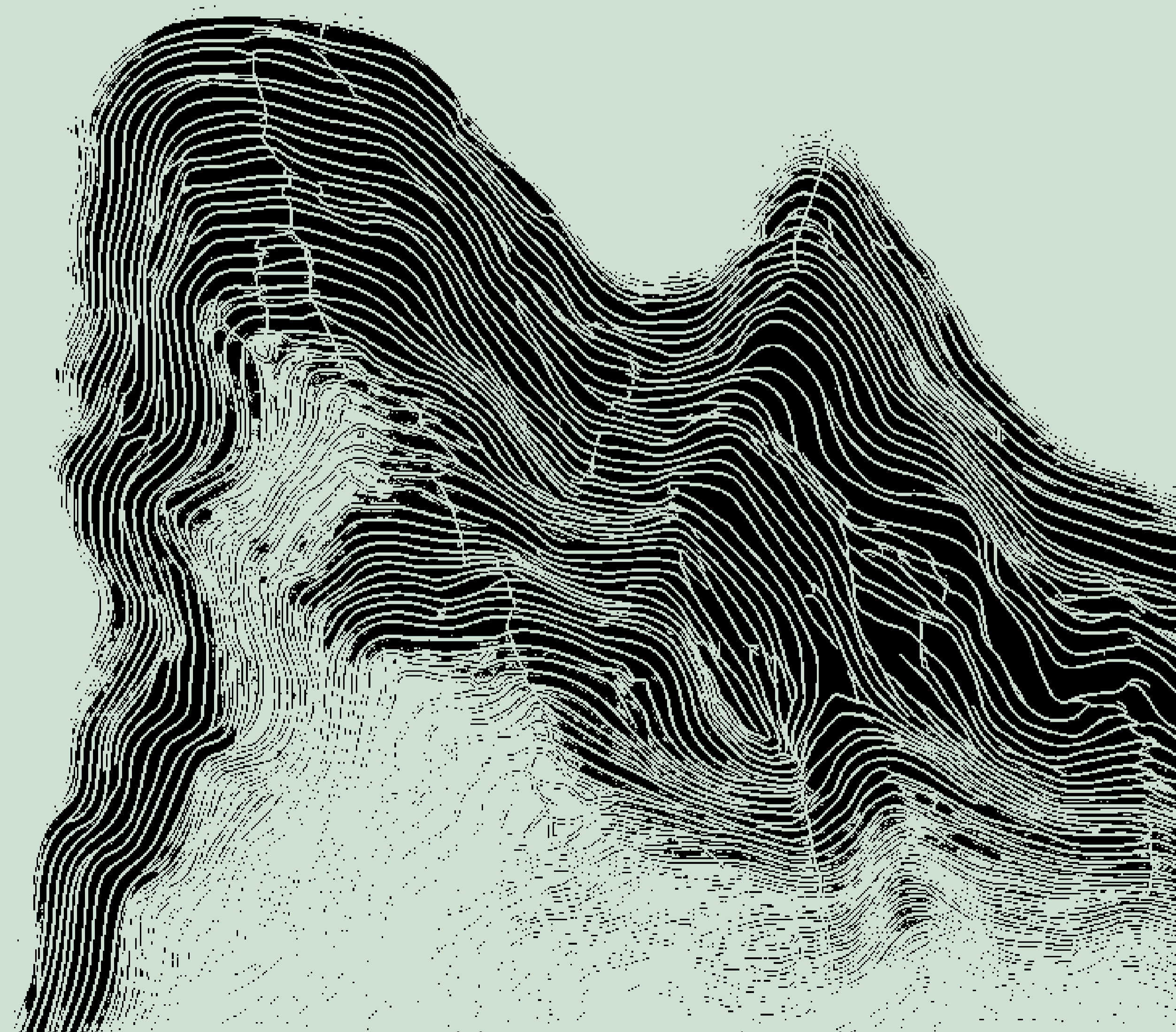


Memória das águas é uma interferência mínima, que conversa com o existente: uma pequena transformação na cor, na textura, no material do calçamento a fim de sublinhar uma postura de necessário diálogo e de coexistência com o que está posto. A placa que informa sobre a linha, também de forma intencional, não indica autoria. Assim como todo ciclo Cultura no Antropoceno, estamos aqui falando de ações, reflexões e movimentos coletivos em que os conceitos de centralidade, autoria ou protagonismo sequer fazem sentido. Esperamos que esses elementos possam colaborar em novos processos de aprendizado conjunto.



Fotos: Thiele Elissa

CONFERÊNCIAS INDIVIDUAIS

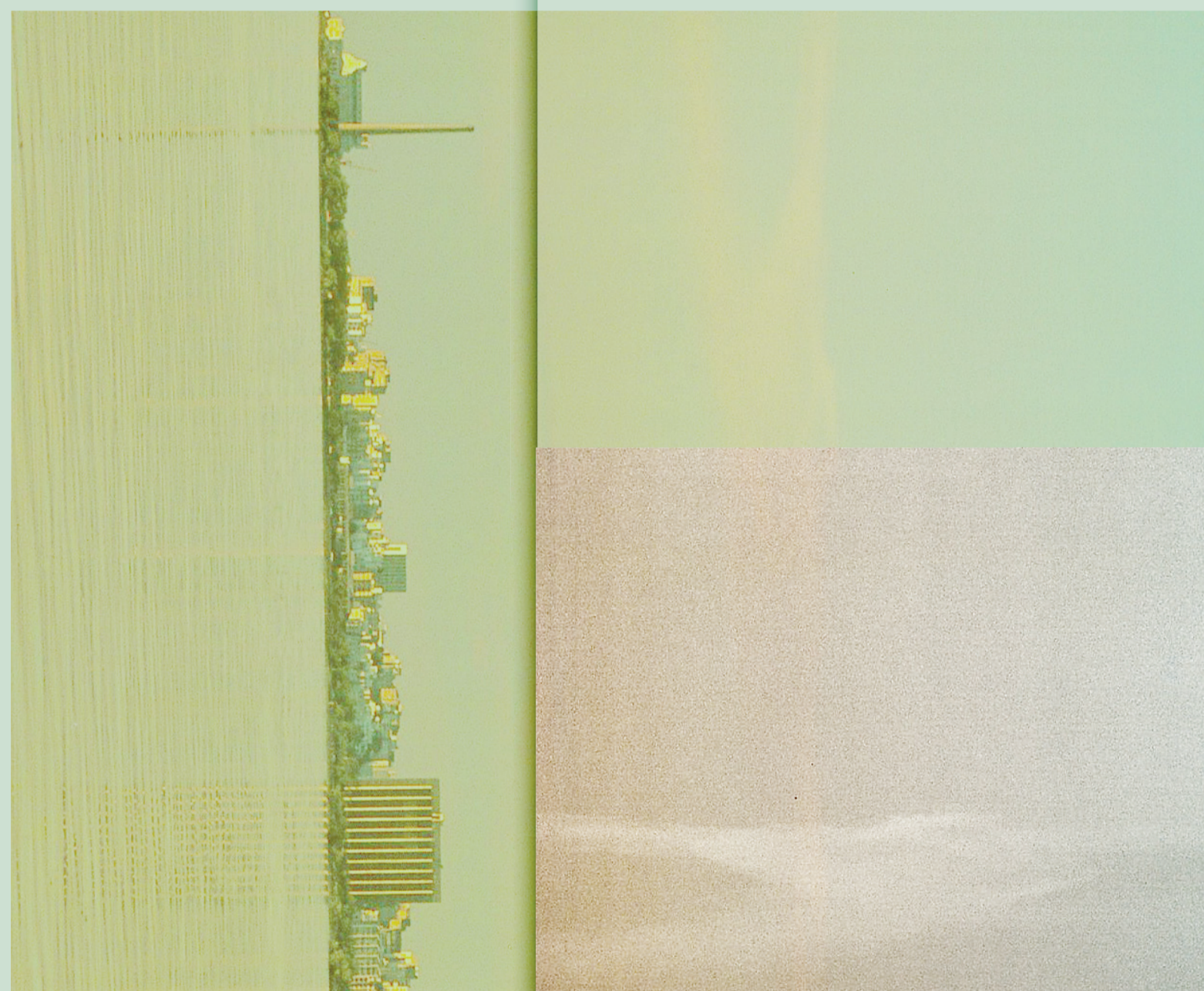


ANTROPOCENOS DO SUL: CRISES E CRIAÇÕES PARA UM NOVO REGIME CLIMÁTICO

ANDRÉ ARAUJO

Antropocenos do Sul: crises e criações para um novo regime climático propõe uma reflexão acerca da complexa relação entre a cidade de Porto Alegre e o rio Guaíba, tendo como ponto de partida as enchentes que atingiram a região entre abril e maio de 2024. As inundações servem, aqui, como gatilho para questionar a pretensa separação entre natureza e cultura, inaugurada pelo pensamento moderno. A “intrusão” da água no espaço urbano, transformando a paisagem em protagonista da vida da cidade, revelou a fragilidade da ilusão de controle humano sobre o ambiente.

A falha nas bombas que mantinham o rio à distância evidenciou a dependência de Porto Alegre em relação a complexos sistemas tecnológicos para sustentar a separação entre a porção urbana da cidade e o Guaíba.



Imagens do Atlas Ambiental de Porto Alegre



Nesse sentido, quando tal complexo tecnológico falha, temos a violenta percepção de que, na verdade, este sempre habitou o centro da cidade, invertendo a concepção de que fomos invadidos por ele. Assim como os traumas deixam marcas profundas na psique humana, as enchentes inscreveram na paisagem urbana a violência da interação entre a cidade e o rio. Será que a expulsão constante deste, materializada em bombas, muros de contenção e diques, é a única forma de interação possível?

Propõe-se, assim, que a enchente, em vez de ser vista apenas como uma catástrofe, seja encarada como uma oportunidade para repensarmos a relação com o Guaíba, rompendo com a lógica da modernidade, que busca controlar e separar a natureza da cultura. A criação dessa separação produziu uma crise material na forma da enchente. Será que podemos pensar que da crise irá emergir novas oportunidades de criação? Que tipo de conhecimento “antropocênico” seria capaz de gerar novos “emaranhados” entre a cidade e o rio, baseado na colaboração e na interdependência entre os agentes envolvidos? A experiência de Porto Alegre dialoga com a ideia de Antropocenos do Sul, que destaca como as periferias do mundo estão vivenciando de forma antecipada e intensa os efeitos da crise climática. A necessidade de novas narrativas, que ultrapassem a dicotomia entre natureza e cultura e possibilitem habitar o planeta em um contexto de transformações cada vez mais intensas, torna-se urgente. As experimentações imaginativa e estética podem ser entendidas como caminhos para conectar o que foi separado pela modernidade e vislumbrar futuros possíveis para além da catástrofe.

COSMÓPOLIS: METAMÉTODO RITA VELLOSO

Não será exagero dizer que a atualidade está marcada por crises – estruturais, gerais, globais – em várias escalas e dimensões, configurando uma efetiva crise civilizatória, cuja superação demandará esforços continuados e articulados do poder público, de empresas e organismos multilaterais e dos mais variados grupos que formam uma sociedade. Há, nesse contexto, uma urgência que não pode ser subestimada: a de buscar modos de superar a intensificação de processos como o aquecimento global, a recorrência de fenômenos climáticos extremos, a destruição acelerada da biodiversidade, da desertificação, do comprometimento dos recursos hídricos, do aumento dos gases que potencializam o efeito estufa, entre outros. Eles são manifestações de uma crise, que, mesmo denominada ambiental, não se restringe a “fenômenos naturais”, pois impacta o conjunto da vida social do planeta, em sentido catastrófico e pluridimensional, pois afeta emprego e renda, de forma a aumentar as desigualdades sociais, regionais, raciais – estas especialmente dramáticas nas cidades.



*É PRECISO PENSAR A RELAÇÃO DE
INTERDEPENDÊNCIA ENTRE CIDADE E
NATUREZA: HÁ UM IMPERATIVO ECOLÓGICO
QUE ENCONTRA SEU SENTIDO NO ATUAL
ESTÁGIO DO DESENVOLVIMENTO URBANO,*

Urgente também é a reafirmação dos compromissos éticos com o interesse público sobre variadas dimensões das realidades urbano-regional e ambiental, das relações entre ciência, tecnologia e poder, do planejamento urbano e territorial, em perspectiva inter e transdisciplinar. Atualmente, fala-se tanto de urbanização planetária quanto da urgência de resgatar a natureza nessa urbanização, exigindo-se investigar as possibilidades de continuidade e transformação da vida urbana em todas as suas escalas. Por isso a necessidade de se abordar, em âmbitos diversos, temas como emergências, reconstrução, adaptação, permanências e desigualdades. Por um lado,

singularmente nas configurações das imensas áreas metropolitanas, de que o Brasil é exemplar.

Quando o impacto das cidades sobre o meio ambiente local e global provoca uma consciência de crise e vulnerabilidade climática se torna um importante indicador de desigualdades sociais cada vez mais politizadas, a consequência urbana é explícita. É preciso aprender, assim, a restabelecer os vínculos do pensamento urbano com os bens e recursos ambientais, refletindo sobre os complexos fluxos metabólicos entre sociedade e natureza. Pensar a cidade em conjugação com a natureza implica investigar as condições do hábitat coletivo para compreender suas dinâmicas, conhecer os riscos a que este estará submetido para saber mitigar as catástrofes.

E a investigação sobre essa interação, necessariamente transdisciplinar, deve ter como meta o aprendizado da variedade, humana e não humana, que constitui a vida urbana; por isso deve-se dar visibilidade à natureza contida e submersa na cidade, resgatando-a para se desenhar perspectivas de futuros mais promissores.



Imagens do Atlas Ambiental de Porto Alegre

De outro lado, as desigualdades socioespaciais vêm se aprofundando e dificultando a construção de alternativas de inserção para parte significativa da população – e compreender as novas formas de constituição das estruturas de poder é essencial para (re)construir o lugar do coletivo com vistas a uma práxis urbana democrática e inclusiva. Deve-se pensar também a urbanização em relação aos efeitos da digitalização e da neoliberalização, como a polarização política assimétrica, a erosão da comunidade política, as crises democráticas e o ressurgimento do autoritarismo. Uma pesquisa sobre natureza e crise no contexto urbano está, afinal, ocupada com o futuro. Desde a primeira modernidade ocidental, marcada pela urbanização, vivemos a expectativa de um futuro que afinal chegou, de vida em um modelo que, talvez, agora se apresente em seus últimos desdobramentos. Num contexto de mudanças sociais e complexo cenário político global, parece crucial indagar até que ponto a ideia consolidada e tradicional de desenvolvimento urbano pode ser flexionada com uma nova ordem mundial, em que se considere a limitação do crescimento incontrolado da economia. Sendo assim, a discussão proposta reúne conhecimentos de urbanismo, arquitetura, engenharia, geografia e economia. Afinal, a experiência mostra que o espaço socialmente produzido exige, para sua análise e planejamento, uma perspectiva múltipla e integrada, com as dimensões econômica, social, política, ambiental e espacial associadas às diversas disciplinas e às políticas públicas setoriais.

O TEKOÁ E O BEM-VIVER: UM CAMINHO PARA A SUSTENTABILIDADE NO ANTROPOCENO *KAKÁ WERÁ*



Imagens do Atlas Ambiental de Porto Alegre

O tekoá nos convida a redescobrir uma conexão mais profunda com a natureza, não como algo separado ou subjugado, mas como parte de uma comunidade de seres interdependentes. Esse conceito vai além de um simples apelo à sustentabilidade ambiental: ele implica uma mudança interna, promovendo que a humanidade busque o autoconhecimento e reveja seus comportamentos destrutivos. Nessa perspectiva, a sabedoria ancestral dos povos indígenas, muitas vezes marginalizada ou ignorada, revela-se uma força vital para enfrentar os desafios atuais.

O BEM-VIVER, A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DO TEKOÁ, OFERECE UMA ALTERNATIVA AO PARADIGMA DOMINANTE DE CRESCIMENTO INFINITO E EXPLORAÇÃO, PROPONDO UM VIVER PLENO E EQUILIBRADO.

Essa filosofia sugere que não apenas as relações humanas, mas também nossas interações com o mundo natural, sejam orientadas por princípios de respeito, cooperação e harmonia. Assim, ao olharmos para o passado, para as raízes de nossos antepassados, podemos encontrar não apenas um relicário, mas um guia para transformar o presente, adotando uma visão de mundo mais compassiva e sustentável diante da crise do Antropoceno.



MESAS-
REDONDAS

ABRINDO A PAISAGEM: A ÉTICA DA TERRA DE ROBERT SMITHSON E A EMERGÊNCIA DO ANTROPOCENO *ANDRÉ LEAL*

O conceito de paisagem é parte constituinte da modernidade ocidental, impondo um “divórcio” entre natureza e cultura que está em sua base epistemológica e produtiva, já que os elementos naturais passam a ser entendidos como uma “natureza barata” disponível para a extração de lucro pelas indústrias capitalistas. As artes tiveram um papel fundamental nesse processo, realizando a mediação estética da natureza para uma sociedade cada vez mais apartada dela.

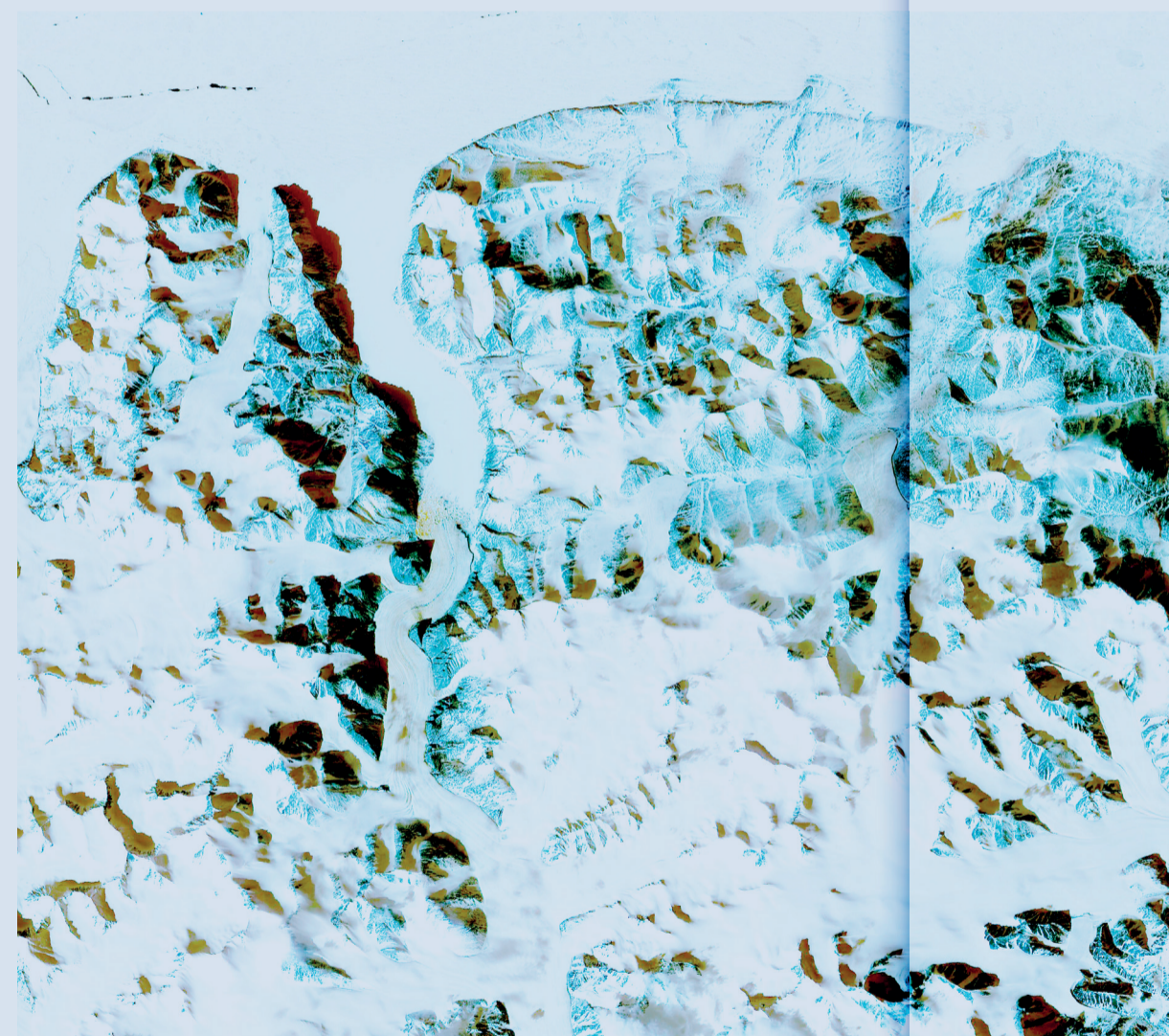


Imagem reprodução

Nas últimas décadas de urgência climática, porém, tal separação foi profundamente abalada, assim como as estruturas da modernidade, cada vez mais arruinadas. Novamente, podemos ver, em diversas produções artísticas, indícios desse estado catastrófico de coisas. Uma das primeiras delas é a do artista estadunidense Robert Smithson, com sua noção de “paisagem entrópica”, que lança a humanidade ocidental de volta à natureza e nos situa como uma força geológica e produtora de paisagem. Abrimos, assim, a paisagem para as relações entre as ações extrativistas do capitalismo e a geologia – uma colisão entre o tempo da longa duração geológica, que conformou dada localidade, com o tempo superficial ou intensivo da indústria, que a devasta em velocidades cada vez mais aceleradas. Para enfrentar a época de calamidades que temos diante de nós, é preciso recompor o solo sobre o qual nos situamos, fazer paisagem junto dos actantes outros que humanos que o compartilham conosco. E, para tanto, é necessário cultivar uma ética da terra da qual Smithson foi um dos primeiros a indicar e que desde então vem sendo desenvolvida em diversas produções artísticas.

IMERSÕES DE ARTE E TERRITÓRIO: UMA INTERSECÇÃO DE BASE LOLA FABRÉS

Parte-se, aqui, do objetivo de compartilhar experiências e reflexões derivadas da ativação de programas de residência de caráter imersivo e base comunitária, focados na criação de produções artísticas em diálogo com práticas culturais situadas em localidades predominantemente rurais. Tomando como referência o projeto Casco: Programa de Integração Arte e Comunidade (2021-2024), são abordados desafios e procedimentos de trabalho de projetos artísticos que promovem a interlocução e o cruzamento interdisciplinar entre educadores, ambientalistas, artistas contemporâneos e representantes de entidades locais.



Banco de imagem

Surgido em 2021, Casco se configurou como um laboratório artístico e pedagógico com atuação no Vale do Três Forquilhas, no litoral norte do Rio Grande do Sul. Recentemente, o projeto ampliou sua área de atuação para o extremo sul do ABC Paulista, na região rural do distrito de Riacho Grande, no entorno da represa Billings, em São Bernardo do Campo. Dessa expansão surgiu o Casco Pós-Balsa, projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do ABC (através do Prilei e do subprojeto Escola Parceira), com o objetivo de aproximar pesquisa acadêmica, arte contemporânea e saberes locais. Desde sua criação, o Casco tem se dedicado à experimentação de metodologias focadas no binômio arte-território,

*APOSTANDO NO INTERCÂMBIO ENTRE
DIFERENTES ATORES SOCIAIS COMO
CATALISADOR PARA A CONCEPÇÃO DE
OBRAS POÉTICAS INTEGRADAS AO
CONTEXTO AMBIENTAL E SOCIAL DAS
LOCALIDADES ONDE ATUA.*

Além de processos como escuta ativa, mapeamentos cartográficos, assembleias de debate e coleta de histórias orais, a residência envolve pesquisa e criação artística, com o objetivo de desenvolver trabalhos conectados à paisagem, à cultura e às dinâmicas locais.

A TERRA ME FEZ ARTISTA ROSE AFEFÉ

Um dia, observando um desenho que se parecia muito com um que eu tinha feito na infância, me veio a ideia de fundar uma cidade. Naquele momento, não racionalizei o insight, só segui um fluxo intuitivo e lúdico de fazer de uma rua com casas coloridas uma microcidade, abraçando todas as memórias e o afeto, durante minha infância, pela cidade onde cresci – que, por sinal é um ano mais jovem que eu, o que é curioso, pois uma cidade parece sempre algo mais maduro, ou com mais idade que uma criança. Fundei a Terra Afefé pensando em arte, e, talvez por isso, mesmo sem um aparente sentido, ela se faz repleta de significados e potências sobre a vida. Construí toda sua estrutura com a terra do próprio lugar, fiz milhares de adobes (tijolo de barro cru) em colaboração com as pessoas do entorno, observando o tempo e articulando cuidados. O primeiro ponto a mencionar tem a ver com água: assim que decidi que faria algumas casinhas para as pessoas que apenas passavam dias, os habitantes de passagem, me preocupei com o saneamento do local, fazendo banheiros secos – tanto por já conhecer essa técnica quanto por perceber que, sem pessoas, tudo o que acontecia naquele local tinha uma gestão cíclica.



Fotos: Rose Afefé

O fato de não ter muitos recursos financeiros também me orientou na elaboração desse lugar imaginário/real, e essa falta é um segundo ponto importante nesta narrativa. Estamos muito acostumados a obter tudo a partir do dinheiro, e quase tudo hoje funciona assim, mas os recursos para construir a Terra Afefé não chegaram de forma ordenada. Burlei muitas burocracias, me endividei, mas sempre valorizei a mão de obra local. A lógica de tirar de quem já tem me faz lembrar o trabalho das formigas cortadeiras, que saem cortando as plantas para levá-las para debaixo do solo. Quem olha de fora acha que as formigas estão destruindo tudo, mas elas estão, na verdade, enriquecendo o solo. Com isso, quero dizer que toda desordem financeira não abalou a base, só talvez o topo da pirâmide, e levo isso na continuação do meu trabalho, articulando redistribuição de renda. Cheguei em um local onde não conhecia absolutamente ninguém, e fui ganhando a confiança de muitas pessoas queridas. Antes de fazer qualquer movimento no lugar, porém, tive a paciência de pedir licença, como minha mãe sempre me ensinou.



“Toda vez que se chega na casa de alguém, até o chinelo a gente tira.” Este por sinal, é o terceiro ponto que considero fundamental na concepção da Afefé, ainda mais num país em que quem chegou não se deu esse trabalho. Com essa educação que tive, muita coisa funcionou, e acredito que cresci com um senso ético e moral apreciado por um todo. Mas, na vida adulta, redescobri a função da liberdade, e fazer um lugar libertário é criar entraves consigo e com os outros, numa tentativa constante de não se aprisionar ou aprisionar o outro. Enfatizo a vida adulta porque produzi grande parte do meu trabalho na infância; lá eu sabia ser livre. Além da educação dos meus pais, tive uma educação ecológica, de quem vive da terra, na roça, e aprende a resiliência de cultivar a terra com afeto. A Afefé, assim como eu, enquanto artista e obra, dita um ritmo que muitas vezes não se encaixa, mas se movimenta como a água, que, por vezes, encontra a terra, fazendo o adobe, ou como o vento, que, quando encontra a poeira, cria um redemoinho de aparições místicas como o lugar e a arte pedem. Como o significado do nome deste lugar.

CIDADÃOS DO FUTURO: CRISE E SONHO EM PORTO ALEGRE

ANA RÜSCHE

Agradeço muito a oportunidade de visitar novamente a capital gaúcha, para ouvir e conversar com pessoas que cruzaram, em maio de 2024, um limiar impensável. Cidadãos que conheceram a devastação, a sobrevivência, a solidariedade, um contato com um novo momento que ainda não conseguimos bem nomear.



Imagens do Atlas Ambiental de Porto Alegre

“Antropoceno” é a designação científica, ainda em discussão, para esta época, um tempo marcado pela impermanência e pela crise climática. Kim Stanley Robinson, escritor estadunidense de ficção científica ecológica, em seu romance *The Ministry for the Future* (sem tradução ao português), procura narrar esse tempo, como tantos outros escritores. O romance é formado por múltiplos narradores, mas se centra em um personagem, Frank May, um indiano sobrevivente de uma onda mortífera de calor. Uma catástrofe fictícia, mas provável. Ao discorrer sobre a obra, o pesquisador brasileiro Anderson Soares Gomes, usa uma expressão precisa:

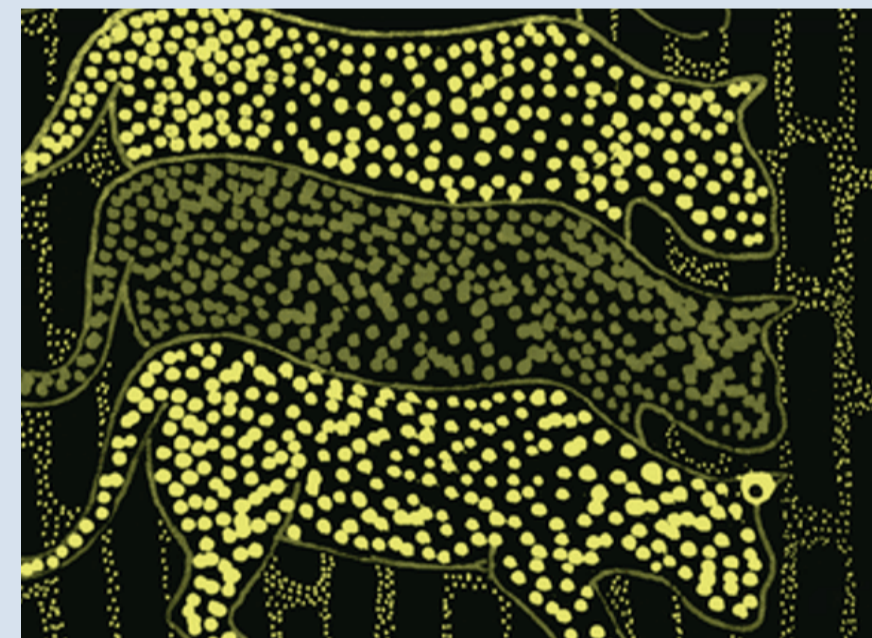
“É como se Frank fosse um cidadão do futuro (e de certa forma ele é, pois sobreviveu à onda de calor na Índia que vai se tornar cada vez mais comum no futuro em outras regiões do mundo) (...)”.

Dessa forma, cidadãos do futuro são as pessoas do estado do Rio Grande do Sul. Ao contrário do que a expressão possa parecer, sugerindo pilotos de carros voadores, nossos cidadãos do futuro são as pessoas que já vislumbraram o outro lado da Mudança. É preciso escutar seus silêncios, destilar seus pesadelos e imaginar possibilidades nesse descompasso do conhecido. Com seu poder aparentemente inócuo, a literatura pode contribuir muito com essa época estranha, conseguindo tocar em temas difíceis e fomentar novos desejos coletivos. É necessário seguir inscrevendo o sonho.

REESCREVER A HISTÓRIA: ALGUNS PASSOS PARA A REIMAGINAÇÃO DO MUNDO

MICHELINY VERUNSCHK

Evoco a imagem contida na expressão “chegou a hora de a onça beber água” para sinalizar o tempo em que vivemos como de ajuste para a natureza e a sociedade. Reflito como o método da fabulação crítica, proposto por Saidiya Hartman, pode ajudar a preencher lacunas da história e como a ficção na qual trabalho se propõe a inquirir os documentos e monumentos e sua violência sobre os sujeitos e os tempos históricos.



Reprodução da capa de *O som do rugido da onça*.

UMA PESSOA SABE QUE ESTÁ MORTA QUANDO NÃO CONSEGUE MAIS ESCUTAR A VOZ DOS ANIMAIS, DOS ESPÍRITOS, DAS ÁRVORES, DOS RIOS. CADA ENTE TEM SUA PALAVRA, SUA ENTONAÇÃO PRÓPRIA E VOCABULÁRIO. A PACA FALA DE UMA MANEIRA, O TABACO FALA DE OUTRA. A ANTA TEM UM ACENTO, O JACARETINGA TEM OUTRO. TEM PALAVRAS QUE SÓ AS ONÇAS USAM E QUE NÃO É DADO A NENHUM OUTRO ANIMAL DIZÊ-LAS.

O som do rugido da onça, Companhia das Letras, 2021, p. 38.

A REEXISTÊNCIA COMO POÉTICA DO AMANHÃ *TAIASMIN OHNMACHT*

Nestes tempos de aceleração das mudanças climáticas, de expansões bélicas e de recrudescimento facista, é preciso encontrar formas de resistir, mas também de ir além, de tornar a vida possível. A Reexistência nos permite refletir sobre o ato poético necessário como utopia de uma outra forma de estar no mundo. Reexistência é um significante criado pela linguista negra Ana Lucia Silva Souza (2009), um significante que conjuga algumas polissemias: resistência e existência, uma existência a partir da resistência, a possibilidade de existir de modo diverso, a resistência a partir de uma posição original. A mera resistência ainda é uma vida capturada pelo poder, é preciso dar um passo a mais, é preciso ousar sonhar com outros mundos. Mesmo com aqueles mundos que nos antecederam. Segundo o escritor e poeta Glissant (2005), o passado não pertence somente à objetividade do historiador, mas também ao poeta que se permita sonhar de forma profética, isso é especialmente importante para aqueles povos que tiveram o passado suprimido.

*NOSSO PASSADO
COLONIAL OCULTOU
EXPERIÊNCIAS DE
OUTROS POVOS E
COMUNIDADES,
OUTRAS FORMAS DE
SOCIABILIZAÇÃO, DE
ESTAR COM O OUTRO E
OCUPAR O PLANETA.*

Portanto, compreendo que pode ser interessante voltar a cabeça para trás, tal qual o pássaro Sankofa, e deixar-se inspirar por essas práticas sociais que existiram e existem nas brechas do poder. É preciso pensar em outros contratos sociais possíveis, que não se restrinja ao que elege o homem branco-hétero-burguês como proprietário do planeta, mas um contrato que possa fazer laço entre o ser humano e as múltiplas formas de vida

A AGENDA AMBIENTAL URBANA EM TEMPOS DE EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

*EUGENIA AUMOND
KUHNN*

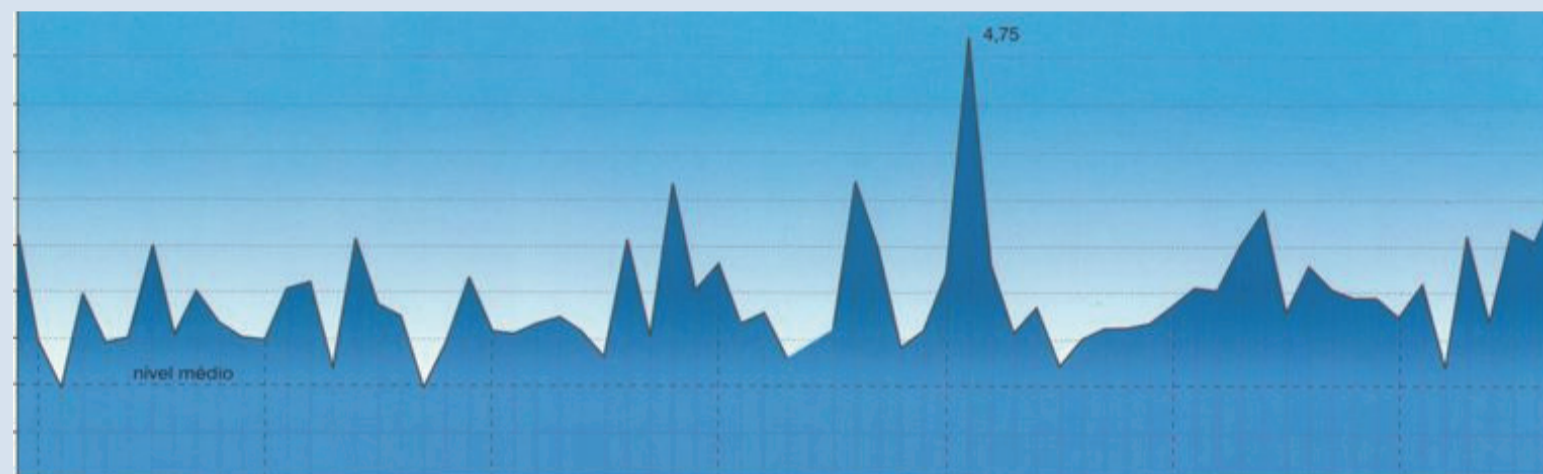
Procuo trazer uma reflexão acerca das evidências encontradas nos meus trabalhos recentes como pesquisadora, os quais têm englobado a investigação (a) das políticas e dos planos sobre mudanças climáticas no Estado do Rio Grande do Sul; e (b) da forma como os Planos Diretores abordam as mudanças climáticas. Parto do seguinte questionamento: como a agenda climática se articula com as agendas ambiental e urbana? A partir disso, realizo uma retrospectiva da trajetória das agendas urbanas e ambientais no Brasil, reconhecendo que estas se desenvolveram de forma independente quanto aos marcos legais e às teorias e aos conceitos de suporte.

ASSIM, EMBORA HAJA UM ESFORÇO DE APROXIMAÇÃO RECENTE, O URBANO E O AMBIENTAL, HISTORICAMENTE, FORAM TRATADOS COMO CONTRÁRIOS E CONFLITANTES, TANTO NOS AMBIENTES ACADÊMICOS QUANTO NAS PRÁTICAS DE PLANEJAMENTO.

Em um terceiro momento, busco ainda analisar como os principais instrumentos (políticas e planos) da política climática, na escala municipal, abordam a questão urbana e como os principais instrumentos da política urbana, os Planos Diretores, abordam as mudanças climáticas. Foco nos instrumentos dos municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Os resultados da análise preliminar da pesquisa demonstram que poucos municípios têm políticas relacionadas às mudanças climáticas, e que os que as têm estão as desenvolvendo em paralelo às políticas urbanas e ambientais, com instrumentos próprios e com pouco diálogo entre essas agendas. Observou-se também que, geralmente, a abordagem territorial dessas políticas é frágil. Entre os Planos Diretores analisados, a maior parte nem mesmo cita as mudanças climáticas e, os que o fazem, em geral a abordam de forma muito superficial. Conclui-se, assim, com uma reflexão acerca da necessidade e das possibilidades de desenvolvimento de instrumentos para abordar questões climáticas em conjunto com as questões ambientais e urbanas.

TRANSIÇÕES E EMERGÊNCIAS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA: TEMPOS DE PLANEJAMENTO?

HELENIZA CAMPOS



Imagens do Atlas Ambiental de Porto Alegre

O Estado do Rio Grande do Sul tem oferecido diferentes experiências para refletir sobre planejamento a partir dos desastres climáticos ocorridos em 2023 e, especialmente, em 2024, quando as inundações afetaram direta ou indiretamente quase a totalidade de seus municípios. Esses eventos apontam para uma constatação global de uma crise multidimensional que demanda a previsão de distintas transições da sociedade para um modelo menos agressivo à natureza e à vida, em seu sentido mais amplo.

O contexto da emergência climática exige também uma revisão crítica e propositiva dos processos de desenvolvimento, práticas e projetos em distintas escalas espaciais e temporais. Discute-se o planejamento urbano e regional enquanto importante instrumento político de reflexão sobre sociedade e natureza, principalmente no atual contexto de emergência climática, e aposta-se que a ação humana, principalmente através de interações comunitárias, cooperativas e em rede, tem recursos potenciais para gerar nichos de inovação de base que mobilizem a sociedade para alterar os regimes que operam na regulação de políticas neoliberais e nas práticas de estímulo à produção e ao consumo na perspectiva capitalista. Os embriões de tais nichos podem ser reconhecidos em comunidades de baixa renda, que buscam soluções para problemas como fome, habitação e serviços; em setores das universidades que discutem e pesquisam alternativas aos processos produtivos; e em empresas que investem em tecnologias locais e baseadas na sustentabilidade ambiental. As transições (sociotécnicas, climáticas e ecológicas) constituem-se em um processo que necessita ser política e socialmente reconhecido como política de Estado e tratado como fator necessário à sobrevivência dos seres vivos. Para isso, é necessário combater as ações conservadoras e demonstrar que é possível construir espaços inclusivos e de esperança.

A CATÁSTROFE HIDROGEOCLIMÁTICA NO RIO GRANDE DO SUL: JÁ ESTAMOS NO ANTROPOCENO? *RUALDO MENEGAT*

Em que pese todos os alertas da ciência sobre a destruição de ecossistemas e as mudanças climáticas, que vêm ocorrendo de forma acelerada nos últimos setenta anos, há uma visão conservadora que ignora o real impacto humano nos sistemas da Terra. Esse modo de ver está calcado, por um lado, na vã tentativa de alienar a dimensão biológica e a dependência ambiental de uma população de oito bilhões de seres humanos, dos quais 4,6 vivem em vorazes cidades, e, por outro lado, no mito alimentado no século XX de que há reversibilidade nos sistemas naturais e que podemos dispor infinitamente de todos os estoques de materiais e de energia do planeta.

Esse impacto, derivado, em sua maior parte, das principais economias, vem sendo medido pelos danos causados aos ecossistemas e, mais recentemente, pelas mudanças no clima. Haveria, porém, outras formas de medi-lo – como por exemplo, pelo registro desse impacto na memória da Terra? Seria essa uma descoberta científica capaz de criar um espelho para a gigante humanidade e mostrar que as mais impressionantes pegadas humanas não foram aquelas deixadas na Lua por Neil Armstrong, mas as que estamos encravando nos estratos da própria Terra? Esta página da história natural jamais tinha sido pensada pela ciência com a dimensão que vem sendo considerada hoje, que parte da proposição de um novo intervalo de tempo geológico: o Antropoceno. De fato, quando nós, geólogos, reconstruímos o mundo planetário antigo, o fazemos com base em sequências de memórias gravadas nos substratos rochosos. Elas funcionam como os arquivos da Terra. Durante muitos anos, os estratígrafos admitiam que somente os eventos uniformes registravam-se nesses arquivos rochosos, e que os catastróficos, se existiam, eram sempre pontuais e passageiros. Apenas recentemente passou-se a considerar que os eventos catastróficos são parte importante da história terrestre e dificilmente deixam de ser registrados na memória rochosa. Isso significa que o sistema da Terra, longe de ser uniforme, tem mudado significativamente de tempos em tempos. Poderiam, então, as mudanças em curso colocar o sistema planetário em um ritmo diferente daquele dos últimos 11.700 anos, conhecido como Holoceno?



Foto: Ricardo Stuckert

Desde que o Antropoceno foi proposto, em 2000, pelo prêmio Nobel em Química Paul J. Crutzen como novo intervalo de tempo geológico sucessor do Holoceno, as evidências tornaram-se cada vez mais irrefutáveis. Para Crutzen, os fatos já são abundantes para indicar esse novo tempo em que os “processos geológicos superficiais estão dominados pelas atividades humanas”. Os critérios utilizados incluem a dispersão de plástico e microplástico, bem como de nucleotídeos de plutônio decorrente da explosão de bombas atômicas, até espalhamento de pesticidas, nitrogênio e fosfatos nos solos. Porém, têm sido avassaladoras as assinaturas diretas decorrentes do uso do solo pela agricultura, pela construção e pela irrigação, com modificação da maior parte dos rios. As mudanças do nível do mar (com taxas de 3,2 mm/ano desde 1993), bem como da temperatura média global (que em 2024 foi 1,64 °C acima do nível de 1880) e da química da atmosfera (aumento das concentrações de CO₂ e CH₄) também têm sido reportadas como indicadores do Antropoceno. As assinaturas biológicas têm sido inequívocas, dentre as quais estão a extinção de espécies e a disseminação global de espécies invasoras de forma sem precedentes em outras eras geológicas. Isso mostra que as alterações ambientais não são apenas uma leve mudança superficial na paisagem, mas, como disse o próprio Crutzen, cortam no osso do tempo geológico profundo, isto é, os impactos humanos já fazem parte da memória da Terra e mudam a face planetária por inteiro.

A catástrofe hidrogeoclimática que ocorreu no Rio Grande do Sul em 2024 nos mostra esse novo tempo. Por um lado, chuvas excessivas devido ao aquecimento global; por outro, as atividades humanas que não consideram sua ação sobre a natureza, o que amplia o impacto dos tempos severos. Diante disso, faz-se necessário considerar a importância de termos uma cultura do lugar, de entender como as mudanças planetárias se desenrolam no exato lugar em que vivemos. Esse novo olhar requer uma visão integrada, que considere o fluxo das águas e a integridade dos ecossistemas em toda a bacia hidrográfica do lago Guaíba. Daqui para frente, teremos que enfrentar a governança planetária não apenas do ponto de vista das sociedades, mas incluindo como elas impactam e sofrem a dinâmica do Sistema Terra. No Rio Grande do Sul, esse novo programa, que considera a relação das atividades humanas com o sistema hidrogeoclimático local, nos mostrou a urgência para se construir uma inteligência social resiliente diante desse novo modo de funcionamento do sistema Terra.



CONTAMINAÇÕES

VIVER EM MEIO À TOXICIDADE: PRÁTICAS ARTÍSTICAS PARA HABITAR O PLASTICENO CAROLINA MAROSTICA

De acordo com Nelson Rangel-Buitrago, William J. Neal e Francois Galgani, vivemos no Plasticeno: os polímeros sintéticos (plásticos) que produzimos se misturaram ao ambiente, sugerindo um possível marco para o Antropoceno – conceito proposto por Patricia L. Corcoran, Charles J. Moore e Kelly Jazvac. Em fragmentos microscópicos, eles se infiltram em nossos corpos sem que notemos, já sendo possível detectá-los na nossa corrente sanguínea. Eles estão também impregnados nos imaginários artísticos contemporâneos, mobilizando criações que desafiam a relação entre natureza e artificialidade, e nos provocam a especular sobre as possibilidades de vida em meio à toxicidade.



Fotos: Gustavo Balbela

Em minha tese de doutorado em Poéticas Visuais (PPGAV-UFRGS), financiada pela Capes e da qual resulta esta reflexão, parto de minha produção escultórica: manipulo plásticos para evocar organismos vivos. Nela reflito sobre tensões entre orgânico e sintético, sedução e toxicidade, permanência e impermanência. A partir de minha poética, contextualizo ainda a história dos polímeros sintéticos, desde seu surgimento – quando eram considerados um material milagroso, capaz de libertar a humanidade das limitações da natureza, com sua capacidade de transformarem-se em qualquer coisa, um “proteísmo” total, como diria Roland Barthes – até tornarem-se um grave problema ecológico, da extração do petróleo ao descarte de resíduos plásticos.

Diante da condição de toxicidade que o plástico nos coloca, a arte pode ativar capacidades imaginativas, essenciais à sobrevivência em um mundo em ruínas. Pensando com Donna Haraway, apresento produções artísticas que nos ajudam a “ficar com o problema” do Plasticeno. Dentre meus trabalhos, destaco: Antes dos peixes, depois dos homens (2019), Longe daqui ou dentro de nós (2022), Micélio (2023) e Nuvem, ninhos (2024). Trago ainda projetos de outros artistas que incorporam o plástico em dimensões materiais, como Plastiglomerates (2014), de Kelly Jazvac, e Plastic Reef (2008-2013), de Maarten Vanden Eynde. Apresento, ainda, o projeto Ecosystem of Excess (2014), de Pinar Yoldas, que imagina formas de vida surgidas da contaminação por plásticos no oceano.

NICHO, BICHO & LIXO: DILÚVIO VIVO

TUANE EGGERS
E BETO MOHR



Foto: Beto Mohr

A ideia do projeto Dilúvio vivo começa com um ato que parece um tanto quanto ingênuo, mas que traz consigo uma potência subversiva em sua simplicidade: a observação atenta do entorno.

A existência de uma ciclovia até então funcional ao longo do Arroio Dilúvio, em Porto Alegre, permitiu libertar nossos corpos das gaiolas-metálicas-de-ambiente-controlado que são os automóveis e, no processo, possibilitou uma fricção dos sentidos com o ambiente que nos cerca de maneira mais direta. Cheiros começaram a ocupar um espaço na consciência, e isso fez com que os nossos olhos fossem direcionados para o “esgoto da Ipiranga” para entender a história que estava sendo contada. E quem conta essa história são biguás, garças, cágados, martins-pescadores, umbus, corticeiras, timbaúvas, tilápias, cascudos, morcegos-pescadores, capivaras, bromélias, socós, butiás, figueiras e tapicurus. Por um breve momento, tudo fez sentido: a relação da mobilidade urbana (como movemos nossos corpos pela paisagem) com a produção de afeto pelo meio em que estamos inseridos. A separação deliberada dos nossos corpos e dos nossos sentidos do ambiente natural é uma decisão comportamental orquestrada pela indústria do consumo eterno.

A história do Arroio Dilúvio é a história da busca incessante por modernidade, produtividade, higienização, separação falaciosa entre sociedade e natureza. Retificar para desenvolver; domar a natureza errática dos pulsos de inundação e do fluxo dos rios para “carrificar” a cidade e valorizar os imóveis.

A especulação imobiliária sempre foi o *modus operandi* para descaracterizar a diversidade da paisagem e perpetuar a lógica da propriedade. Apesar de todo esse esforço de apagamento de um curso de água doce que verte a cidade de Porto Alegre ao meio, a vida insiste e resiste em suas diversas manifestações. São muitas espécies, de todos os cinco reinos da vida, que continuam a elaborar suas relações em meio ao embaralhamento desafiador causado pela ocupação urbana insensível às outras existências. Bichos e lixos confundem-se em uma sopa fenotípica que parece emergir de uma concepção vanguardista contemporânea da expressão artística. As obras do Dilúvio já estão expostas – emprestar os sentidos para observar esse rio é meramente emoldurar essas histórias que estão sendo contadas a despeito dos prazos apertados, dos ônibus lotados, das ambulâncias em emergência, da desigualdade social e de toda a sorte de dramas que afligem nossa espécie urbanizada.

Esse arroio já tinha nome: Jacarey (rio dos jacarés, em guarani), nomenclatura que dá uma ideia dos habitantes não humanos presentes nesse corpo d’água e de toda a vida emaranhada necessária para sustentá-los. Olhar para esse arroio é olhar para nossa sociedade.

Que histórias queremos contar?

Que histórias queremos ouvir?

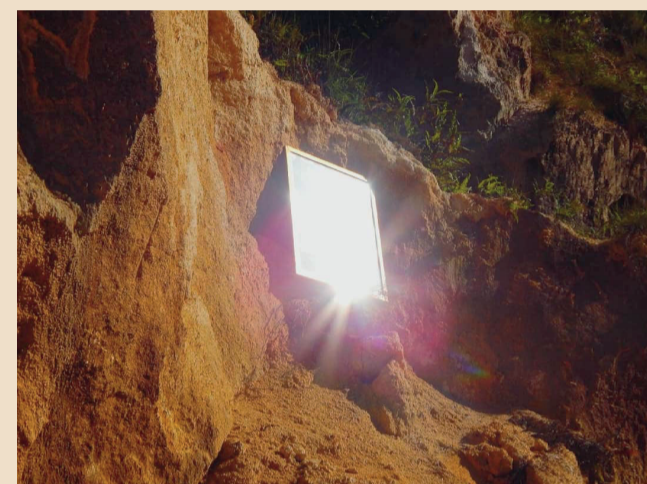
E se pensássemos a cidade de modo a amplificar essas vozes?

E se nossa cidade fosse um convite para a biodiversidade, e não uma negação da nossa própria natureza?

Se somos criaturas e criadores das paisagens que nos cercam, que curso d’água corre dentro de nós?

BADLANDS: UM PARQUE FICTÍCIO

CRISTYELEN AMBROZIO



Fotos: Marcelo Chardosim



Badlands: um parque fictício é um curta-metragem de gênero documental que tem como proposta principal registrar os impactos sociais durante o processo de criação e transformação de uma área degradada em um geossítio cultural. Localizado ao centro de oito loteamentos da popular cidade-dormitório de Alvorada, no Rio Grande do Sul, o Parque da Solidariedade é um projeto de ações colaborativas que vêm acontecendo ao longo da última década, em que artistas e moradores transformam um terreno abandonado em um museu baldio iniciado nos processos erosivos da terra.

No local são encontradas voçorocas de expressivas dimensões que se formaram em áreas de um loteamento urbano visivelmente abandonado. O processo de abertura desse loteamento remonta ao ano de 1980, em atividades que não foram além do desmatamento para abertura de ruas e quadras.

A exposição do solo aos elementos climáticos e às variáveis meteorológicas favoreceu o desenvolvimento de erosões. As voçorocas fazem parte do imaginário da população alvoradense, expressado nas falas dos moradores quando se referem a elas como os “cânions de Alvorada”. Depois de quarenta anos de abandono, o espaço foi sendo ocupado pela comunidade com arte, educação, ecologia, lazer e ações que despoluem e reflorestam, a fim de se recuperar o solo entre as nascentes do arroio Stella Maris, afluente do Feijó, da bacia hidrográfica do rio Gravataí. O campo atraiu diversos artistas, do país inteiro, que viram no terreno degradado um cenário para suas produções cinematográficas e práticas artísticas. O Parque já foi usado como locação de curtas-metragens, videoclipes, videoartes, performances, instalações visuais e campanhas de movimentos sociais, além de ser um espaço de reflexões críticas sobre questões ambientais urgentes. De acordo com os diagnósticos do Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública (Sinep) de 2015, Alvorada foi a cidade da região sul do país que apresentou os piores índices sociais, aparecendo no Atlas da Violência do Brasil de 2019 como a sexta cidade mais violenta do país, a única cidade gaúcha entre as vinte listadas no estudo. Ela também apresenta baixos pontos de cultura, ao mesmo tempo em que é marcada pela grande presença de terrenos baldios, vagas e espaços abertos vivos para se fazer cultura. Nesse contexto, o Parque da Solidariedade cumpre um papel fundamental na cidade, mostrando-se capaz de catalisar as produções artísticas locais. Isso fez os próprios moradores se perceberem enquanto museus de ações ampliados, transformando as terras improdutivas em espaços compartilhados, hortas comunitárias e artistas baldios. Eles se perceberam, então, pessoas que fazem do impossível a reconstrução de um mapa.

PAISAGEM, PERTENCIMENTO E CUIDADO AMBIENTAL: EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO COM BASE NO LUGAR EM PORTO ALEGRE

RODRIGO FONTANA

A paisagem se constitui como uma totalidade formada por elementos em constante interação, seja ela mais natural ou mais antrópica. Conhecer a paisagem mostra-se, assim, fundamental para a sobrevivência de qualquer organismo. Os humanos, desde os seus primórdios, evoluíram na e com a paisagem que habitavam, estabelecendo uma alta capacidade de ler o ambiente e desenvolver técnicas, instrumentos e visões de mundo para assentar então suas aldeias e depois cidades. A urbanização, por muito tempo benéfica, pois capaz de congrega pessoas, culturas, saberes, serviços, recursos, infraestruturas, etc., deu lugar, contemporaneamente, a uma hiperurbanização. Desde 2007, mais da metade da população humana, de sete bilhões de pessoas, habita as cidades, e há projeções vertiginosas de crescimento desse percentual.

A vida veloz e consumista nas megacidades acaba por apartar as pessoas de suas paisagens originais, tornando a paisagem de vida somente urbana e abrindo espaço para uma cegueira em relação ao ambiente natural e a seus serviços e funções ecossistêmicas. A escala humana de habitar a cidade se perdeu concomitantemente ao aparecimento cada vez mais enfático de diversos distúrbios ecológicos e psicológicos. Faz-se necessário, então, à humanidade uma volta às visões integradoras da paisagem e do seu lugar nesta. A cognição humana precisa urgentemente ir sendo reajustada para englobar essa totalidade, treinando não apenas conceitos e raciocínios, mas também percepções e ações (percepção ação).

A paisagem local mostra-se como palco da vida e das ações cotidianas e comunitárias, servindo de amálgama de pertencimento comum, e como um possível patrimônio de todos (paisagem local pertencimento ao lugar). Em escala mundial, ou de nosso futuro comum, estratégias de desenvolvimento sustentável vêm sendo lideradas pela Organização das Nações Unidas (ONU), as quais se embasam em três esferas: justiça social, cuidado ambiental e crescimento econômico equitativo. Como aporte do Sul Global, o Fórum Latino-americano de Ciências Ambientais (Flacam) adiciona mais uma esfera necessária para alcançar a sustentabilidade, qual seja, a forma de gestão democrática e participativa (participação mudança).

Para fazer frente aos desafios do século XXI, mudanças substanciais precisam ocorrer, tanto em escala global quanto local. De forma pioneira, em 1998, foi publicado o Atlas Ambiental de Porto Alegre, o qual passou a ser amplamente utilizado pelas pessoas e por instituições locais. Logo a seguir, em 1999, foi criado o projeto Laboratórios de Inteligência do Ambiente Urbano (Liau), desenvolvido em escolas públicas municipais e tendo o Atlas como referência. O Liau é uma estratégia para a geração de conhecimento e de aprofundamento dos saberes do lugar onde a escola se insere e que, com o tempo, congrega, em uma sala da escola, uma espécie de minimuseu. Outra iniciativa, também desta cidade, são os Itinerários Geológicos de Porto Alegre (IGPOA), um roteiro de visita de geossítios desenvolvido para facilitar a compreensão das pessoas sobre a evolução geopaisagística do município. Os IGPOA foram testados por diferentes públicos e compuseram, durante três anos, o curso anual de educação ambiental da Rede Municipal de Ensino. Ambas as iniciativas, Liau e IGPOA, são esforços de educação com base no lugar, almejando a visibilização da paisagem local com vistas ao aumento do cuidado ambiental integral (conhecimento com base no lugar visibilização e cuidado).

(... percepção ação paisagem local pertencimento ao lugar participação mudança conhecimento com base no lugar visibilização do lugar ...)

CONTAMINAÇÕES ENTRE ESPAÇO E PENSAMENTO MARINA CAMARGO

Algumas viagens são feitas atravessando lugares, estradas, paisagens. Outras, acontecem por meio de lembranças e pensamentos, memória e leitura. Ao retornar ao trabalho Como se faz um deserto, de 2013, percorri novamente imagens e textos para repensar representações sobre a região (o sertão nordestino), delinear contornos múltiplos para algo que escapa a definições fechadas, deslizar entre sentidos, conceitos, geografias e imagens para poder imaginar outras relações entre os vários sentidos de sertão. Afinal, não há um sertão, mas vários. Retomar esse projeto, realizado em outro momento da vida, é como retornar a um lugar íntimo, no qual memória e esquecimento são difíceis de nomear – assim como os contornos do sertão são dificilmente definidos. É uma espécie de mergulho em águas com margens delimitadas por mapas: releio cartografias de vários tempos e textos dos autores que compõem o livro. Voltar a essa pesquisa é como iniciar uma reescrita do sertão ligado à terra, do sertão da imaginação, das definições de região e nação, do sertão de ecologias diversas.



Imagens do livro: Como se faz um deserto.

Desenhos cartográficos do Brasil dos séculos XVI a XVIII que mostram a região oposta à costa como um “interior desconhecido” parecem indicar uma limitação colonial em lidar com um território ainda não controlado. Aquilo que a cartografia e a linguagem registraram como um vazio no interior do país foi posteriormente apropriado em diversas representações que reduziram a região a alguns estereótipos (não por acaso, há uma posterior delimitação da região das secas que se sobrepõe ao vazio da cartografia colonial). Os mapas, porém, não são apenas descrições de territórios; para mim, eles são polifônicos, e é preciso passar mais tempo com eles para ouvi-los – até que se possa começar a falar com eles, a partir deles.

Como se faz um deserto é um projeto realizado com o apoio da Bolsa de Estímulo à Produção em Artes Visuais da Funarte e que reúne a produção de uma série de fotografias e uma publicação com registros de uma viagem realizada por parte dos sertões brasileiros. Ele teve início com uma viagem com o objetivo de compreender o que definiria os sertões do Brasil, tanto em termos cartográficos (através da análise de mapas) quanto em termos linguísticos e históricos. A publicação reúne fotografias e textos que foram produzidos durante e após a viagem, além de ensaios de Janaína Amado e Gonçalo M. Tavares, da pesquisa de Ângela Ferreira, Yuri Simonini e George Dantas, e do diálogo com a curadora Cristiana Tejo.

Imagens do livro: Como se faz um deserto.



2

SER

693

Serrar. §. V. Cerra-

il que serra 'madei-

to de cerra. §. O

da madeira por on-

. (sonibus) he Me-

rreito, que faz cha-

e Furtar, 54.

riamente he o edifi-

ção Senhor mora, e

mulheres se chamão

commumente se jo-

que vive na serra,

ão, ou corda, de

. P. 1. Barros. duas

da nas serras. §. Os

nos. Viriato, 4. 65.

tem habitador de al-

Lusit.

ra, serrano. Leão,

co, entre cujos extremos está estirada a limina

delle, de que usão os Cirurgiões. §

SERTIA V. Sertão.

SERTANÊJO, adj. Que vive no sertão, ou

matos interiores, e longe da costa; que se pro-

duz no sertão. Vascón. Notic. berva seitaneja.

SERTÃO, s. m. O interior, o coração das

terras, oppõe-se ao marítimo, e costa; v. g. Ci-

dade do sertão; mercadores do sertão. Castan 2.

f. 152. B. 1. 3. 8. "o rio tem seu nascimento

no sertão da terra." §. fig. Bem pelo sertão den-

tro de buni pensamento. Cam. Filod. 2. 2. §. O

sertão toma-se por mato longe da costa. §. O ser-

tão da calma; i. é, o lugar onde ella he mais

ardente. Lobo. "mettendo-se pelo sertão da cal-

ma, que naquelle tempo fazia."

SÉRVA, s. f. Escrava. §. Criada. §. *Som sua*

serva, dizem as mulheres por obsequio. §. *Ser-*

va de Deus, mulher dada a exercicios de pie-

dade, e religião.

SÉRVÃO, subj. antiq. Sirvão. Ord. Af. 1. f.

428. e 2. f. 333.

SERVAR-SE, antiq. Guardar-se. Provas da

Hist. Gen. Tom. 1. f. 99. conservar-se.

SERVÊNCIA, s. f. usual Serventia, prestimo

utilidade.

SERVENTE, s. m. O que ajuda em traba-

lho, e dá as achegas aos pedreiros, &c. §. Que

serve: no fig. "a escritura não he mais que hu-

ma escrava, e *servente* das palavras." Lobo Corte

D. 1.

SERVENTÊSIO. V. *Sermontesio*.

SERVENTIA, s. f. Uso, utilidade, presti-

mo. §. Coisa de serviço, ou util feita ao juiz,

ou Magistrado para o peitar. Orden. Man. L. 1.

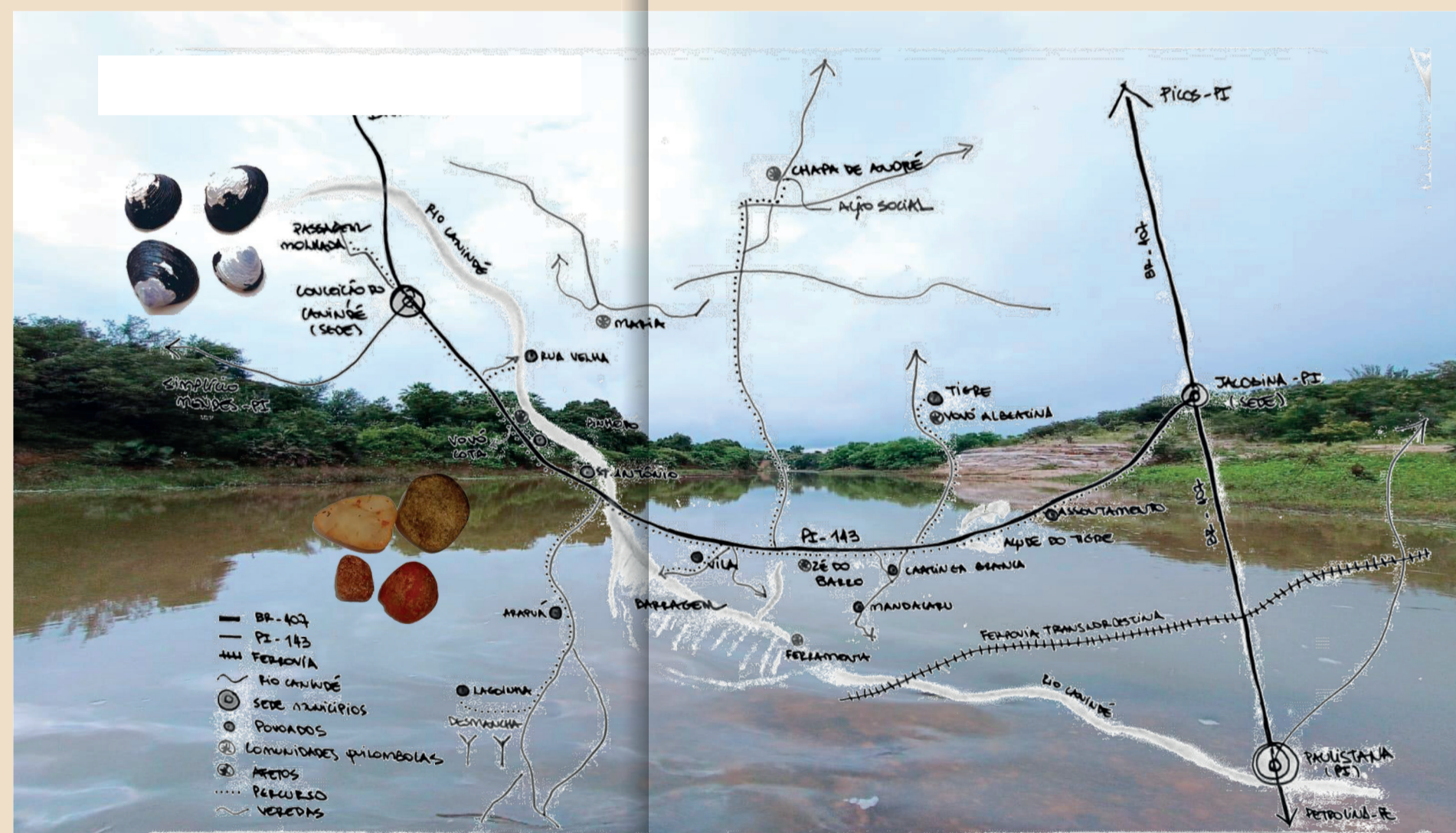
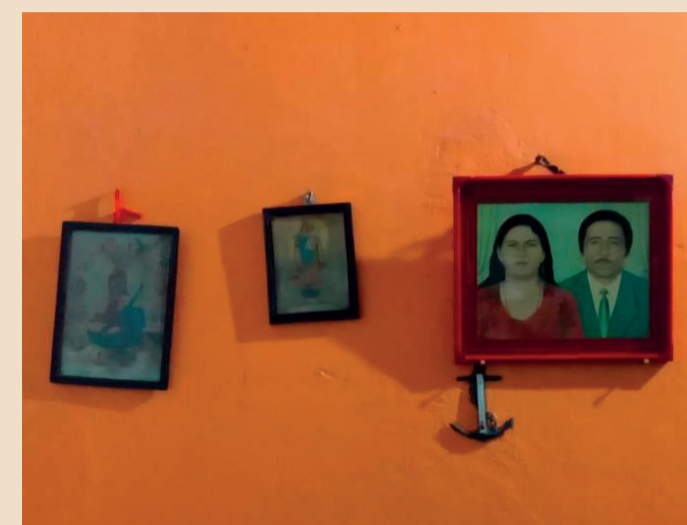
T. 44. §. 8. §. O serviço de algum emprego,

pessoalmente, ou feito por outrem. Arras

O SERTÃO ACEITA TODOS OS NOMES: NARRATIVAS EM MOVIMENTO PELOS/NOS SERTÕES

PATRICIA CRUZ

Longínquo, desconhecido, desabitado, isolado, perigoso, selvagem, atrasado, fora da lei. Trata-se de um sertão forjado num imaginário que, enquanto produtor de significados e de realidades, sempre se designou no sentido das ausências – de povoamento, de leis, de ordem, de Estado, de “civilização” – e das distâncias. Desse imaginário, produzem-se narrativas que vinculam o sertão à ideia de atraso e, portanto, de um mundo que precisa ser vencido pelo progresso e pelo desenvolvimento na maior velocidade possível.



Imagens: Patrícia Cruz

Para ampliar o significado de sertão e confrontar as narrativas oficiais – hegemônicas e colonialistas – imputadas a esses lugares e suas gentes, minha reflexão parte da experiência do ato de caminhar, como prática estético-política, por múltiplos sertões, através de eventos coletivos que se desenrolam em contextos que retrataram um imaginário social e cultural de sertão pela literatura de Guimarães Rosa e de Euclides da Cunha. Nessas andanças, chego (ou retorno) num lugar-sertão do Piauí, na caatinga, semiárido do Nordeste brasileiro, que tomo como chão para ancorar a reflexão sobre a crise generalizada na escala do lugar, numa perspectiva de como o fenômeno de urbanização contemporânea e a chegada dos dispositivos da cidade, para vencer o “atraso”, impactam a vida cotidiana e a construção de memórias e singularidades dos sujeitos que ali (r)existem. Frente a um processo de produção hegemônica do espaço e suas múltiplas formas de atualização de uma estrutura colonial que vem ameaçando, sob novas roupagens, a vida e os modos de vida nos sertões do mundo, a cartografia segue o rastro da pergunta: como recontar um lugar-sertão e suas paisagens a partir de suas memórias, suas experiências e sua diversidade de práticas e temporalidades? Cartografar e narrar esses territórios e lugares, em seus repertórios de práticas incorporadas, pode constituir uma saída, uma linha de fuga, ao nos abrir a possibilidade de contar mundos outros, que se reinventam enquanto fronteiras de resistência e imaginação.

QUANDO O INSÓLITO SE TORNA O REAL

IRKA BARRIOS

Escrever o cotidiano, observando-o através da lente do insólito, é apenas uma das formas de compreender e traduzir a realidade para o mundo ficcional. Não creio que seja uma escolha deliberada, como se o impulso criativo partisse do desejo de fantasiar ou recriar mundos. Acredito que tenha mais a ver com a apreensão de uma realidade um pouco distorcida. Partimos do real, isso é inegável, mas o questionamos até que a situação narrada toque o limite do absurdo. Percebo que hoje, após tanto evento anormal, narrar é um exercício que mescla diversos tipos de prosa.

O insólito pertence a uma classificação que ainda não encontrou seu conceito definitivo. Há muitas categorizações e poucos consensos. Pensemos a partir de Das unheimliche – o inquietante, o desconfortável, o não familiar ou, simplesmente, o estranho – texto em que Freud interpreta o conto O homem de areia, de E. T. A. Hoffmann. Para considerar elementos e sensações que desacomodam o leitor, Freud dissecou os eventos que se sucedem após um acontecimento da infância do personagem do conto. A partir de então, ele comenta sobre o inquietante que surge em situações familiares e o horror que esse novo arranjo do real provoca.

A enchente de maio 2024 foi um evento insólito em nossas vidas. É impossível andar pelos bairros atingidos sem recorrer a um cálculo que suponha o quanto de água foi suficiente para inundar um espaço tão vasto. É impossível não reparar nas marcas, nas casas que seguem abandonadas, nos muros que pendem sobre as calçadas.

A REALIDADE SE MISTURA AO IMAGINADO. OU AO PIOR DOS PESADELOS. O INQUIETANTE ESTÁ PRESENTE, HÁ UMA ESPÉCIE DE DESCRENÇA: COMO FOI POSSÍVEL? ESSA FRATURA, POR MAIS DOLOROSA QUE SEJA, SERVIRÁ COMO FIO CONDUTOR DE OBRAS FICCIONAIS.

NOVENTA SEGUNDOS PARA ESCREVER O FIM DO MUNDO

JULIA DANTAS

Segundo o Relógio do Apocalipse, um relógio metafórico que aponta quanto tempo falta para a destruição do planeta, nos restam noventa segundos. O que faremos com eles? Não acredito em impedir o fim do mundo, mas habitá-lo. “O que pode a literatura diante da catástrofe?”, me perguntaram inúmeras vezes desde maio de 2024. Não pode muito, sempre respondi, o que a gente precisa agora são de palavras organizadas em políticas públicas, e não de palavras literárias. Então, com o tempo, um pouco movida pela culpa de ser a portadora do anticlímax, eu cheguei a uma nova resposta.

PASSEI A DIZER QUE A LITERATURA NÃO VAI NOS SALVAR, MAS VAI NOS AJUDAR A VIVER O FIM DO MUNDO, NOS AJUDAR A ESTAR COM A MENTE E O CORPO PRESENTES NESTE TEMPO QUE NOS COUBE HABITAR, NOS AJUDAR A TESTEMUNHAR O COLAPSO.

Em meio à enchente, não tínhamos vocabulário nem conhecimento prévio para dar conta de descrever o que víamos, mas, ainda assim, tentamos. Escrevemos para entender o que vivemos, talvez, até para enfim viver de fato o que já vivemos, já que, da primeira vez, fomos tomadas pela desrealização, pela urgência, pelo instinto desprovido de palavras. E hoje, ainda pessimista com o fim do mundo, mas menos pessimista com a literatura, eu entendo que devemos seguir escrevendo para seguir vivendo. Essa madrugada que se anuncia para daqui a noventa segundos, no fuso horário do Sul Global, já chegou. Nós já estamos escrevendo a partir do fim do mundo. Não vamos impedi-lo, mas ainda podemos viver nele e deixar o testemunho da noite que atravessamos.

A SOMATIZAÇÃO DO NEOLIBERALISMO E A CRISE DA SENSIBILIDADE

DANILO PATZDORF



Foto: Carlos Monroy

No século XXI, além das crises econômicas, políticas, sanitárias, ambientais e subjetivas, nosso sofrimento também decorre da crise da sensibilidade, que fragiliza nossa capacidade de sentir e representar o presente, da crise estética, que mediatiza nossa capacidade de imaginar um futuro possível, assim como da crise da alteridade, que vilipendia nossa disponibilidade ao outro, erodindo os mecanismos sensíveis que habilitam nosso discernimento a assimilar, criticar e transformar a realidade. Tais crises são, simultaneamente, causa e efeito do histórico processo de somatização do neoliberalismo, operado ao longo das três grandes fases de instauração da lógica capitalista, por meio das estratégias somatopolíticas de desencantamento (colonização), disciplinamento (industrialização) e esgotamento (financeirização). Isto é, nossa crescente adesão acrítica e prazerosa aos ditames do neoliberalismo também se deve a uma “aclimatação psicossomática” que nos faz desejar justamente aquilo que nos mediatiza.

Assim, a axiomatização da nossa experiência sensível, sensorial, sensual e sexual, segundo a dinâmica capitalista, tem por objetivo fragilizar nossa capacidade de perceber e insurgir contra os mecanismos intrínsecos de controle, desde o mais íntimo ao mais explícito da nossa existência. Então, poderia um corpo ocidental(izado) produzir narrativas outras sobre o próprio sofrimento, emancipadas das matrizes alienantes do capitalismo, se seu repertório de experiências sensíveis está completamente condicionado e aparelhado pela somatopolítica neoliberal? Nesse contexto, poderiam os saberes e fazeres das artes do corpo, formalizados nas últimas décadas, ampararem, sensorial e criticamente, o lento processo de refazimento dos laços íntimos e coletivos continuamente desfiados pelos modos de viver capitalistas? De que maneira a experiência estética poderia lembrar o corpo e a mente, a sensação e o pensamento, o eu e o outro, a força e a forma, o indivíduo e a comunidade?

UM CORPO COM UM MUNDO

EDUARDO MONTELLI

Trato aqui de uma perspectiva de leitura sobre um processo artístico realizado por mim, desde 2007, no pátio da minha casa de infância. O pátio de casa é pensado como um pedaço do mundo e como um mundo em si, mas, principalmente, como um acesso ao mundo, uma porta de entrada e saída do mundo. O processo artístico em questão é focado nos rastros e restos de tempos passados que permanecem presentes nesse pátio, situado em Porto Alegre. Objetos, pessoas, memórias. Busco, nele, um diálogo com o pensamento de Donna Haraway, que diz que “importa quais pensamentos pensam pensamentos. Importa quais conhecimentos conhecem conhecimentos. Importa quais mundos mundificam mundos. Importa quais histórias contam histórias”.



Fotos: Eduardo Montelli

Meu interesse é pensar sobre sobrevivências e existências que estão além da lógica de começo e fim. Um tipo de mundo acaba, outros começam, alguns são descobertos, outros esquecidos, inventados, ignorados, imaginados, desejados, apagados. O pátio de casa como uma representação dos mundos, uma miniatura de multiplicidade. Ao redor da casa, condomínios são construídos, a terra é coberta por cimento, reformas, mudanças. Agora, as folhas das nossas árvores são chamadas de sujeira pelos vizinhos. Mas a arte pode ser considerada um modo de habitar o mundo, criar um mundo, ocupar, incorporar. O corpo entra em cena, corpo sobre mundo. O corpo dos objetos, das plantas, dos animais, da terra, da casa, da rua, tudo fala, tudo age, tudo se manifesta, tudo em relação. Um corpo que habita e constrói um mundo dentro dos mundos. Arte como uma forma de conhecer e contar histórias de mundificações. Um pátio ou um corpo ou um processo artístico construído pelo avô, pela avó, pela mãe, pelo pai, pelo mundo. Herança, continuidade, performatividade, compartilhamento. Um corpo com um fim. Adiar o fim. Contar mais uma história.

PARTICIPANTES



ANA
RÜSCHE

São Paulo, 1979. Escritora e pesquisadora. Finalista do Jabuti, estreou com *Rasgada* (poesia, 2005), publicado no México (2007). Ainda na poesia, destacam-se *Furiosa*, lançado no Brasil e nos EUA (2015 e 2016). Em prosa, publicou *A telepatia são os outros* (2019), publicado na Itália (2023), entre outros. Seu livro novo é *Ferozes melancolias: o amor, a viagem e a escrita*, com quinze ensaios (2024). Concluiu o Pós-Doutorado sobre mudança climática e ficção científica na Universidade de São Paulo (USP), é doutora pela USP com tese sobre utopias e distopias e cursa hoje o segundo doutorado sobre ecocrítica na Universidade de Brasília (UnB).



ANDRÉ
ARAÚJO

André Araujo é professor e pesquisador na Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades (APPH) e bolsista de pós-doutorado Fapergs/UFRGS. É co-coordenador do projeto de pesquisa A Terra e Nós (PUC-Rio/APPH) e organizador do Campus Antropoceno América Latina. Pesquisa a relação entre narrativas especulativas latino-americanas, especialmente na literatura e no cinema, com o pensamento contemporâneo e questões trazidas pelo Antropoceno. É vinculado ao GPEP (Grupo de Pesquisa Ecologia das Práticas), GPESC (Grupo de Pesquisa Semiótica Crítica).



BETO
MOHR

Beto Mohr é mestre em Ecologia (Biologia) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA (2014) e biólogo pela UNISC (2011). Também atua como fotógrafo e músico. Tem experiência em bioacústica, ecoacústica, métodos de monitoramento acústico passivo, entomologia e zoologia (morcegos e aves). Possui interesse em temas como Ecologia, Evolução, Conservação, Inventário de Biodiversidade, Comportamento, Taxonomia, Técnicas de Amostragem, Bioacústica, Neurociência e Filosofia da Ciência. É idealizador do projeto Dilúvio Vivo (@diluvio.vivo), com o qual pretende resgatar a percepção da biodiversidade que existe e resiste no Arroio Dilúvio (Rio Jacarey), em Porto Alegre.



CAROLINA
MAROSTICA

Carolina Marostica (Porto Alegre, 1991) é artista visual e doutoranda em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Possui mestrado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa - FBAUL e bacharelado em Artes Visuais pela UFRGS. Sua produção artística envolve esculturas, instalações, pinturas e desenhos. Através da transfiguração de materiais sintéticos com forte apelo tátil, propõe em seus trabalhos borrar os limites entre natural e artificial. Desde 2009 tem participado de exposições no Brasil, em Portugal e no Uruguai. Em 2022 apresentou a mostra individual Algo turvo, cremoso e entorpecidono, no Museu do Trabalho (Porto Alegre), com curadoria de Taís Cardoso.



CRISTYELEN
AMBROZIO

Artista e realizadora audiovisual. É graduanda em Artes Visuais pela UFRGS, tecnóloga em Produção Multimídia e técnica em Processos Fotográficos pelo IFRS. Em sua estreia no cinema, recebeu o prêmio do júri da crítica no 51º Festival de Cinema de Gramado pelo curta-metragem Centenário da Minha Bisa. Pela contribuição cultural à cidade de Alvorada/RS, foi condecorada com a Medalha da 56ª Legislatura da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Integra o Parque da Solidariedade e Museu Baldio desde 2020.



DANILO
PATZDORF

É artista, educador e pesquisador do corpo. Autor do livro *Sobre aquilo que um dia chamaram corpo: corporalidade nas ambiências digitais* (Ed. Letramento, 2019), é doutor em Arte-educação (eca/usp). Por acreditar que a parte mais legal do fazer artístico não é o "mostrar", mas sim o "sentir com", tem se dedicado a criar e conduzir experiências somáticas em grupo para acessarmos coletivamente os estados extra-ordinários de percepção de si, do outro e da realidade, por meio da dança, do yoga e da massoterapia.

PARTICIPANTES



**EDUARDO
MONTELLI**

Eduardo Montelli (ela/ele/elu, Porto Alegre/RS, 1989)
Artista transmídia. Doutorado em Linguagens Visuais pelo PPGAV/EBA/UFRJ. Mestrado em Poéticas Visuais pelo PPGAV/IA/UFRGS. Atualmente, percorre o "Percurso de psicanalista" com o bando da ALCEP (Associação Livre Centro de Estudos em Psicanálise). Em sua pesquisa artística e teórica, investiga a influência de documentações, narrativas e outras formas de "inscrição de si" nos modos como os sujeitos vivem e como são reconhecidos socialmente. Participa de exposições e de outras atividades de arte desde 2010, entre as principais estão a 5ª Edição do Prêmio Energias na Arte, no Instituto Tomie Ohtake/SP; Filmes e Vídeos de Artistas, na Fundação Iberê Camargo/RS; Abre Alas 10, na galeria A Gentil Carioca/RJ; 65º Salão de Abril, no Centro Cultural Banco do Nordeste/CE; 22ª Bienal Sesc Videobrasil/SP.



**EUGÊNIA
KUHN**

Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Possui mestrado (2006) e doutorado (2014) pelo Programa de pós-Graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Conceito Capes 7), onde integrou o grupo de pesquisa em Edificações e Comunidades Sustentáveis. É professora do Departamento de Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integra o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Observatório das Metrôpoles - Núcleo Porto Alegre. Tem experiência em planejamento urbano e urbanismo com foco em desempenho ambiental e sustentabilidade.



**RITA
VELLOSO**

Possui graduação em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1999), doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007), com estágio doutoral na McGill University, Montreal, CA (2005). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Teoria da Arquitetura, História e Teoria da Cidade, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria da arquitetura, teoria urbana, planejamento urbano e história urbana, estética e teoria crítica urbana. É autora do livro Urbano-Constelação (2022).



**HELENIZA
CAMPOS**

Arquiteta, Doutora em Geografia (UFRJ, 1999). Atualmente é docente da UFRGS no Departamento de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR). Pesquisadora do Observatório das Metrôpoles (Núcleo Porto Alegre).



**IRKA
BARRIOS**

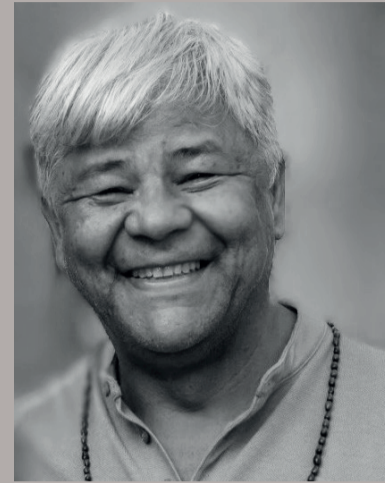
É mestre (PUC-RS) e doutoranda em Escrita Criativa (UFRGS). Autora de *Vespeiro (Dark Side Books, 2023)*, *Lauren (Caos & Letras, 2019)* e *Júpiter Marte Saturno (Uboro Lopes, 2022)*. Recebeu os prêmios Brasil em *Prosa (Amazon, 2015)*, *Odisseia da Literatura Fantástica (2022)* e *AGES – Narrativa Curta (2023)* e *Livro do ano (2023)*. Foi indicada aos prêmios Jabuti em 2020, Academia Rio-grandense de Letras em 2023 e ABERST em 2024. Integra o coletivo Mulherio das Letras RS e é mediadora do Clube de Leitura Escuromeders.

PARTICIPANTES



JULIA
DANTAS

Julia Dantas é escritora, tradutora e doutora em Escrita Criativa. Autora de *Ruína y leveza (Dublinense, 2015)*, finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, de *Ela se chama Rodolfo (DBA, 2022)*, vencedor nas categorias romance do Prêmio Livro do Ano da AGEs e do prêmio da Academia Rio-Grandense de Letras e de *A mulher de dois esqueletos (Dublinense, 2024)*. É co-fundadora da Baubo, empresa que auxilia escritoras e escritores a levarem adiante seus projetos literários.



KAKÁ
WERÁ

Kaká Werá Jecupé (São Paulo, 1964) é escritor, ambientalista e tradutor. É descendente do povo tapuia e acolhido pela comunidade guarani, com a qual desenvolve uma extensa pesquisa histórica, linguística e cultural. Envolvido em processos educativos, atua na valorização, no registro e na difusão dos saberes ancestrais de povos indígenas.



LOLA
FABRES

Natural do Rio Grande do Sul e residente da cidade de São Paulo, Lola Fabres é curadora, pesquisadora e crítica de arte, Doutora em Artes Visuais, com ênfase em História, Crítica e Teoria da Arte pela Universidade de São Paulo (ECA-USP - 2023). Lola é pesquisadora colaboradora da Universidade Federal do ABC e coordenadora do projeto de extensão Casco: Programa de Integração Arte e Comunidade (ligado ao Escola Parceira - PRILEI), programa de cruzamento entre práticas artísticas, cultura local e educação popular. Atualmente, investiga as intersecções entre arte, memória e território, com foco em práticas artísticas de base comunitária e caráter participativo.



MARINA
CAMARGO

O trabalho de Marina Camargo baseia-se em pesquisas que se concretizam em desenhos, instalações, esculturas e vídeos. Marina explora uma noção de deslocamento, tanto no sentido de um deslocamento físico no espaço quanto conceitual: a ideia de deslocar a percepção para além dos códigos e convenções está presente em sua prática artística de forma a provocar distúrbios numa ordem estabelecida. Os mapas desempenham um papel importante em seu trabalho, servindo como um meio de destacar a dinâmica do poder ao distorcer e remodelar continentes e fronteiras, interrompendo assim as narrativas estabelecidas. Estudou no Instituto de Artes da UFRGS (onde concluiu graduação e mestrado), além de ter estudado na Academia de Artes de Munique, na Alemanha. Entre as exposições que participou estão a 14ª Bienal de Xangai (2023), 37º Panorama da Arte Brasileira (2022) e a Guangzhou Image Triennial (2021). Recentemente, realizou exposições individuais no Brasil, nos EUA e na Espanha.



MICHELINY
VERUNSCHK

Micheline Verunschck é escritora e historiadora, é autora de livros de contos, poesia e romances, incluindo *Nossa Teresa: Vida e morte de uma santa suicida (Patuá, 2014)*, vencedor do prêmio São Paulo de Literatura; *O som do rugido da onça (Companhia das Letras, 2021)*, que conquistou o Jabuti de melhor romance literário e o terceiro lugar do prêmio Oceanos, e *Caminhando com os mortos (Companhia das Letras, 2023)*. Seu livro de contos *Desmoronamentos (Martelo Casa Editorial, 2022)* venceu o Prêmio Biblioteca Nacional. Em 2024, publicou a antologia *Geografia íntima do deserto e outras paisagens reunidas (Círculo de poemas / Fósforo)*, reunindo sua poesia quase completa.

PARTICIPANTES



**RUALDO
MENEGAT**

Professor Associado do Departamento de Paleontologia e Estratigrafia do Instituto de Geociências da UFRGS, geólogo, Mestre em Geociências (UFRGS), Doutor em Ciências na área de Ecologia de Paisagem (UFRGS), Doutor Honoris Causa (Universidade Ada Byron, Peru), Professor da Cátedra Unesco/Rede UniTwin de Desenvolvimento Sustentável/FLACAM (La Plata, Argentina), Medalha de Conservação do Patrimônio Integral da Humanidade (Monterrey, México), Assessor científico da National Geographic Brasil e membro honorário do Fórum Nacional dos Cursos Geologia, investigador do Conselho Nacional de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq), Membro da International Commission on the History of Geological Sciences of the International Union of Geological Sciences (INHIGEO/IUGS); Chairman of the Brazilian Section of the International Association for Geoethics, membro do Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências do Instituto de Estudos Avançados da UFRGS.



**PATRÍCIA
CRUZ**

É Doutoranda (2021 - atual) e Mestre (2013) pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS) e Graduada (2009) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tem experiência técnica na área de Planejamento Urbano e Regional, com atuação nos seguintes temas: planejamento e gestão urbana, políticas públicas urbanas, governança metropolitana, produção do espaço urbano e regional. Atualmente pesquisa na linha de Cidade, Cultura e Política do PROPUR, com vínculo ao Grupo de Pesquisa (CNPq) POIESE - Laboratório de Política e Estética Urbanas. Está desenvolvendo a tese intitulada “Cidade acaba com o sertão. Acaba?”: narrativas de um fim de mundo, lugar-sertão”.



**RODRIGO
FONTANA**

Geólogo e Mestre em Geociências, pela UFRGS, e mestrando em Desenvolvimento Sustentável pelo Fórum Latino-americano de Ciências Ambientais (FLACAM- cátedra Unesco). Atua desde 2008 em projetos transdisciplinares de Educação Ambiental, com destaque para o Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano (LIAU-UFRGS), inseridos nas escolas municipais de POA, e os Itinerários Geológicos de Porto Alegre, uma ferramenta de educação com base no lugar. Possui experiência internacional de implementação de Geoparques Mundiais da Unesco de base participativa.



**ROSE
AFEFÉ**

Nasceu em Varzedo, no interior da Bahia, em 1988. A partir do resgate de memórias da infância, a artista trabalha em várias mídias, incluindo instalação, pintura e fotografia. Iniciou em 2018 a construção da obra Terra Afefé, uma micro cidade em escala humana construída com terra, utilizando a técnica do adobe (tijolo de barro cru) e pintada com cal.



**TAIASMIN
OHNMACHT**

Taiasmin Ohnmacht, é escritora e psicanalista. Mestre em Psicanálise: clínica e cultura (UFRGS/2019). Publicou os livros *Ela Conta Ele Canta (Cidadela, 2016)*, *Visite o Decorado (Figura de Linguagem, 2019)*. Em 2021, publicou o romance *Vozes de Retratos Íntimos (Taverna)*, romance que foi vencedor dos prêmios AGES e Açorianos na categoria Narrativa Longa, e finalista nos prêmios Jabuti, São Paulo de Literatura e Academia Rio-grandense de Letras. Em 2023, lançou o romance *Uma Chance de Continuarmos Assim (Diadorim)*.



**TUANE
EGGERS**

Tuane Eggert é doutoranda em Poéticas Visuais pela UFRGS, mestra em Poéticas Visuais pela mesma instituição (2021) e jornalista pela Univates (2015). Seu trabalho em artes visuais é focado na fotografia, com temáticas relacionadas aos fluxos e à impermanência da vida. Possui cinco publicações independentes em fotolivros. Seu trabalho já foi exibido em países como Japão, Alemanha, Argentina e Rússia. Além da fotografia, também atua no campo audiovisual.

ORGANIZADORES



**ANA CRISTINA
STEFFEN**

Ana Cristina Steffen é servidora da Secretaria de Estado da Cultura do RS, atualmente exercendo a função de gestora cultural da Casa de Cultura Mario Quintana. É Mestra e Doutora em Letras - Teoria da Literatura pela PUCRS. Como pesquisadora, tem atuação e artigos publicados principalmente nas áreas da literatura brasileira, literatura de autoria feminina e ficção histórica. Também tem dedicado suas pesquisas à escritora Dinah Silveira de Queiroz, tendo produzido alguns dos paratextos das novas edições das obras de Queiroz.



**GERMANA
KONRATH**

Germana Konrath é diretora de Artes e Economia Criativa da Secretaria de Estado da Cultura do RS e da Casa de Cultura Mario Quintana. Graduada em Arquitetura e Urbanismo na UFRGS, é Mestra e Doutora em Planejamento Urbano e Regional, explorando a intersecção entre arte, arquitetura e cidade e as contribuições da arte contemporânea para o espaço público urbano. Foi curadora e coordenadora do projeto educativo da 13ª Bienal do Mercosul, entre 2021 e 2022. Anteriormente, foi gestora cultural da Fundação Iberê Camargo (2014 a 2017). Trabalhou em 6 edições consecutivas da Bienal do Mercosul, destacando-se a coordenação de produção executiva da 8ª e da 9ª bienais, ao lado de André Severo. Tem atuação como docente em cursos livres, programas de pós graduação e extensão; publica artigos e contribui como revisora de periódicos em suas áreas de pesquisa.



**PAULO
REYES**

Paulo Reyes é professor e pesquisador associado da Faculdade de Arquitetura da UFRGS no Departamento de Urbanismo e no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR UFRGS). Tem por foco de pesquisa a crítica ao projeto em três linhas temáticas interligadas: a filosofia da paisagem; o projeto da paisagem a partir de um olhar crítico que insira a dimensão política no processo de saber-fazer cidade; temáticas insurgentes que produzam um outro olhar ao processo de projeto hegemônico da paisagem. Tem Pós-Doutorado em Filosofia no Instituto de Filosofia da NOVA (IFILNOVA) da Universidade Nova de Lisboa com Bolsa CAPES PRINT - Edital Professor Visitante no Exterior Sênior (2020), Doutorado em Ciências da Comunicação pela Unisinos e pela Universidade Autônoma de Barcelona em um Doutorado Sanduíche (2004), Mestrado em Planejamento Urbano pela UnB (1992) e Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UniRitter (1987).



**TAÍS
CARDOSO**

Taís Cardoso é doutoranda e Mestre em História, Teoria e Crítica de Arte pelo PPGAV-UFRGS e Bacharel em Ciências Sociais/Antropologia, pela mesma universidade. Atua com escrita, organização e curadoria de exposições de arte contemporânea. Se interessa por pensar processos artísticos com abordagens feministas, queer e interdisciplinares que tangenciem questões relacionadas à ecologia e à tecnologia. Tem textos publicados em catálogos de exposições e colabora com periódicos como Folha de São Paulo, Revista ZUM e Revista Parêntese.

FICHA TÉCNICA

CURADORIA E ORGANIZAÇÃO

ANA CRISTINA STEFFEN
GERMANA KONRATH
PAULO REYES
TAÍS CARDOSO

CONFERENCISTAS

ANDRÉ ARAÚJO
RITA VELLOSO
KAKÁ WERÁ JECUPÉ

PARTICIPANTES DAS MESAS-REDONDAS

ANDRÉ LEAL
ANA RÜSCHE
EUGENIA AUMOND KUHN
HELENIZA CAMPOS
LOLA FABRES
MICHELINY VERUNSCHK
ROSE AFEFÉ
RUALDO MENEGAT
TAIASMIN OHNMACHT

PARTICIPANTES CONTAMINAÇÕES

CAROLINA MAROSTICA
CRISTYELEN AMBROZIO
DILÚVIO VIVO (TUANE EGGERS E BETO MOHR)
DANILO PATZDORF
EDUARDO MONTELLI
IRKA BARRIOS
JULIA DANTAS
PATRÍCIA CRUZ
MARINA CAMARGO
RODRIGO FONTANA

MEDIADORES

ANA CRISTINA STEFFEN
BRENDA VIDAL
MARCO ANTONIO FILHO
PAULO REYES
ROSANI KAMURY KAINGANG
TAÍS CARDOSO

AÇÕES ARTÍSTICAS

ANA LUIZA KOEHLER
DILÚVIO VIVO (TUANE EGGERS E BETO MOHR)
FAYOLA FERREIRA
FERNANDO SILVA E SILVA
PABLITO AGUIAR

TELA INDÍGENA

CURADORIA DE ANA LETÍCIA MEIRA SCHWEIG
E GEÓRGIA DE MACEDO GARCIA

OFICINEIRO

DANILO PATZDORF

DESIGNER GRÁFICA

PATRÍCIA HEUSER

CATÁLOGO

LANÇADO EM MAIO DE 2025

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ANA CRISTINA STEFFEN
TAÍS CARDOSO

PROJETO GRÁFICO

PATRÍCIA HEUSER

REVISÃO

SAMLA BORGES

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL**
GOVERNADOR EDUARDO LEITE

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
EDUARDO LOUREIRO

**SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO
DA CULTURA**
FABIAM THOMAS

CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA | 2025

DIREÇÃO
GERMANA KONRATH

NÚCLEO ADMINISTRATIVO

GESTÃO CULTURAL
ANA CRISTINA STEFFEN

DIREÇÃO ADJUNTA
MARCOS PEREIRA

ASSISTÊNCIA
LUARA RODRIGUES

ESTÁGIO
EVELYN SOARES

NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO

COORDENAÇÃO
FERNANDA MARCZAK

DESIGN
ANA CAROLINA GABARDO

ASSESSORIA DE IMPRENSA
YASMMIN FERREIRA

ESTÁGIO DE DESIGN
PAULA CARDOSO

RÁDIO QUINTANARES
DIRNEI SILVER

NÚCLEO DE PRODUÇÃO

COORDENAÇÃO
CAROLINA BOUVIE GRIPPA

PRODUÇÃO
SUE GONÇALVES DE MELLO

MONTAGEM
THAIS MEINERZ

ESTÁGIO
GABRIELA DADDA BITTENCOURT
ARTHUR CARVALHO

NÚCLEO DE TEATRO

PRODUÇÃO
GUSTAVO DEON

ASSISTÊNCIA
ANNE PLEIN
VANESSA FIUZA

**OPERAÇÃO DE LUZ, ELETRICISTA
DE ESPETÁCULO E ILUMINADOR**
ALEXANDRE SARAIVA
DANIEL INSAURRALDE

ILUMINAÇÃO
EDUARDO KRAEMER

NÚCLEO PROJETOS E ESPAÇOS
ANA PAULA NÁCUL
CARLOS SCHAUN
MARISA DE FÁTIMA SANTOS

NÚCLEO EDUCATIVO

COORDENAÇÃO
BRUNO SALVATERRA

PRODUÇÃO
KAROLINE SILVANO

AGENDAMENTO DE VISITAS MEDIADAS
FERNANDA SOARES DA ROSA

SUPERVISÃO DE EQUIPES
KAROL BRUM

MEDIAÇÃO
CARÚ BRANDI
FLÁVIA CAVALHEIRO
ISABELLA DAMACENO
THAYLOR SANTOS

RECEPÇÃO
GUSTAVO WALBROHEL
NATÃ DA LUZ SANTIAGO

BIBLIOTECA ERICO VERISSIMO
ROBERTO FERNANDES MONTEIRO
CRISTIANE PEREIRA MAYA
RITA ROSANE OLIVEIRA DA ROSA

ESTAGIÁRIOS
KENNYA HAICHA SILVEIRA DA SILVA
ERICK BUENO NUNES

LIMPEZA
FRANCISCO RODRIGUES SARAIVA
JANETE CARDOSO QUINTANA
LUANA BEATRIZ VALANERA
MÁRCIA SOUZA RODRIGUES
ROSANE LEMOS ALVES
TATIANE MENDES FRANCISCO
VIVIANE FLORES MARQUES

VIGILÂNCIA
ANDRE ESTIGARRIBIA BARROS
ANDRE SOUZA GARCIA
CLEOMAR GENEROSA DA SILVA
EGUER COSTA FARIAS
FILIPE PILONETO PINTO
GIOVANA DOS SANTOS CORANGE
JOSE FELIPE SALDANHA
KALLYSTON DO PRADO NUNES
LEANDRO BITTENCOURT RODRIGUES
MAGDA PATRICIA DA SILVA
MATHEUS RODRIGUES MACIEL
ODONELSON LEMOS
PEDRO JOCEMAR DE VARGAS
SAMUEL DE OLIVEIRA DOS SANTOS
SÔNIA BEATRIZ TAVARES
VANI DAIRAN SILVA
WILLIAN VITOR MEIRELES

PATROCÍNIO DIRETO



APOIO

PROPUR



PARCERIA



REALIZAÇÃO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cultura no antropoceno [livro eletrônico] /
[curadora e organização Ana Cristina
Steffen...[et al.]]. -- Porto Alegre, RS :
Casa de Cultura Mario Quintana, 2025.
PDF

Outros curadores: Germana Konrath, Paulo Reyes,
Taís Cardoso.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-980141-5-5

1. Antropoceno 2. Arte e cultura 3. Projetos
sociais e culturais I. Steffen, Ana Cristina.
II. Konrath, Germana. III. Reyes, Paulo.
IV. Cardoso, Taís.

25-274366

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte e cultura 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129